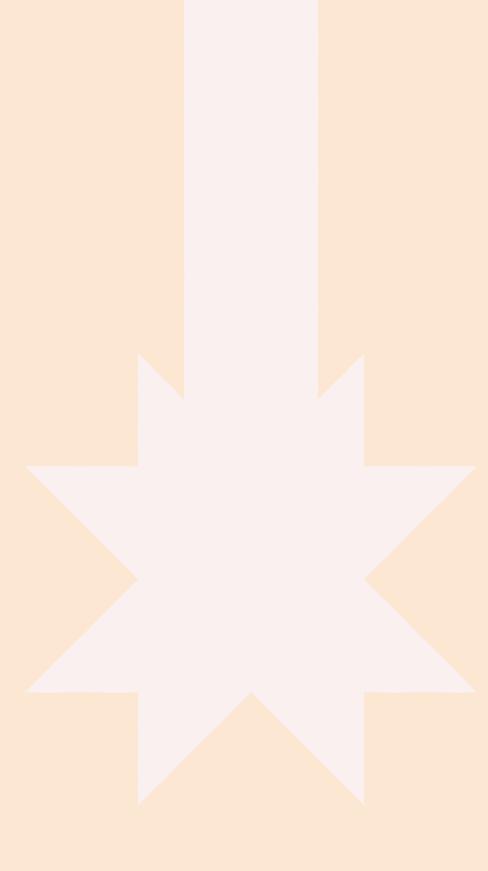


CHEGANÇA: PEDIR LICENÇA

MATERIAL
EDUCATIVO
PROFESSOR

CHEGANÇA:
PEDIR
LICENÇA

MATERIAL
EDUCATIVO
PROFESSOR



4 Um Museu para o Vale

**14 Chegaça:
pedir licença**

**20 Folias: Corpos em
festa, memórias
e resistências**

- 22 Samba**
- 30 Folia de reis**
- 38 Corpos**

**48 Vapor: Entre
trilhos, quintais
e sonoridades**

- 50 Trilhos**
- 58 Quintais**
- 66 Jongo**
- 74 Fumaça**

**84 Milagre: Encantos e
mistérios que correm
com as águas**

- 86 Águas**
- 96 Margens**
- 108 Altares**

116 Despedida

118 Para saber mais

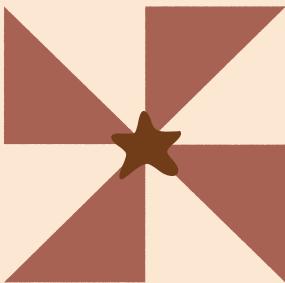
123 Tabela BNCC

126 Ficha técnica

Realização

museu **VAS**
SOU
ras

instituto_
vassouras
_cultural



UM MUSEU PARA O VALE

O Museu Vassouras é um espaço cultural que promove diálogos interdisciplinares, conexões entre territórios e celebra as identidades do Vale do Café, no sul fluminense. Inaugurada em 2025, a instituição tem como propósito ser um espaço vivo e inspirador. Assim, cultura, arte e educação caminham juntas para fortalecer laços na região e promover impacto social.

Estamos no Vale do Café, no centro histórico da cidade de Vassouras, no interior do Rio de Janeiro. Nossa sede é o edifício do antigo Hospital Nossa Senhora da Conceição (Santa Casa da Misericórdia), erguido em 1848 como o primeiro hospital da cidade e, hoje, protegido como patrimônio histórico.

A partir de 1910, o prédio se tornou o Asilo Barão do Amparo, mantendo por décadas seu papel social na comunidade. O imóvel é parte integrante do conjunto paisagístico e urbanístico de Vassouras, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1958. Em 2007, devido às condições precárias e ao risco de desabamento do imóvel, o prédio foi interditado pelo Ministério Público Estadual.

Restaurado pelo Instituto Vassouras Cultural entre 2019 e 2025, hoje, como museu, suas paredes seculares são parte viva da experiência que oferecemos – um encontro entre a arquitetura histórica e as expressões artísticas contemporâneas que dialogam com a região do Vale do Café.

Mas o que é patrimônio cultural?

O Museu Vassouras articula diferentes dimensões do que chamamos de patrimônio cultural. Preserva um edifício histórico, símbolo da arquitetura do século 19, e valoriza modos de vida que seguem vivos e pulsantes na região.

Patrimônio cultural é tudo aquilo que um grupo reconhece como parte importante de sua história, de seus modos de ser, de sentir e de viver. Ele pode ser material, constituído por construções, objetos, roupas, documentos e fotografias. E pode também ser imaterial, incluindo músicas, danças, rezas, técnicas de cultivo ou de cura, festas, receitas e saberes transmitidos, oralmente, de geração em geração.

Ao reunir essas diferentes expressões – passadas e presentes, materiais e imateriais –, o Museu Vassouras se propõe a contar histórias que resistem ao apagamento e a afirmar outras formas de existir, lembrar e imaginar futuros.

O que é considerado patrimônio cultural pode variar bastante entre pessoas, grupos e regiões. Em uma mesma comunidade, diferentes histórias, práticas ou lugares podem ser valorizados de maneiras distintas – o que é essencial para um grupo pode não ter o mesmo sentido para outro.

Em Vassouras, por exemplo, o Centro Histórico tombado guarda a memória do ciclo do café do século 19, com suas grandes casas, igrejas e praças planejadas. Ao mesmo tempo, outras camadas de memória vêm sendo valorizadas, como as brincadeiras das crianças, as rodas de jongo e as rimas dos palhaços de folias de reis, revelando que o patrimônio também está nos modos de viver, nas festas populares e nas lutas por liberdade.

VOCÊ SABIA?

O prédio onde funciona o Museu Vassouras faz parte do conjunto arquitetônico da Praça Barão de Campo Belo, tombado como patrimônio histórico em 1958, pelo Iphan. Esse tombamento federal protegeu não só construções históricas, mas todo o conjunto urbano e paisagístico do centro da cidade. Isso inclui praças, chafarizes, ruas como a Barão de Tinguá e Eufrásia Teixeira Leite, além de edifícios como a Igreja Matriz, o Museu Casa da Hera e até o cemitério da cidade. Também foram preservados os elementos naturais, como as palmeiras imperiais, figueiras e outras plantas que emolduram esse pedaço de história.



Museu Vassouras. Fotografia de Rafael Salim, 2025.

Assim, o patrimônio cultural não é algo fixo ou dado, mas construído a partir de escolhas sobre o que cada grupo considera fundamental para manter viva sua identidade. Essas decisões podem contar com apoio das políticas públicas de preservação, organizadas por instituições nas esferas municipal, estadual ou federal e garantidas por leis e diretrizes com o objetivo de proteger, valorizar e manter o patrimônio cultural, histórico e natural do país.

No Rio de Janeiro, a preservação do patrimônio cultural é de responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan –, em nível federal; e do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – Inepac –, no âmbito estadual; ou ainda das prefeituras e secretarias municipais de Cultura, no plano municipal!

1 Criado em 1937, o Iphan é o principal órgão federal de preservação do patrimônio. Atua no tombamento e na fiscalização de bens culturais, além de orientar políticas em todo o país. Seu trabalho se articula ao do Ministério da Cultura – MinC –, que elabora políticas nacionais, programas de fomento, como o PAC Cidades Históricas, e apoia projetos via Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet). Além disso, cada estado tem seu órgão ou sua secretaria responsável pelo Patrimônio, como o Inepac, no Rio de Janeiro, ou o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – Condephaat –, em São Paulo. A todos esses órgãos se articulam, também, os conselhos municipais de patrimônio, fundos de cultura e legislações locais de tombamento ou proteção, como os planos diretores municipais, por exemplo.

Como surgem os museus?

O conceito de Museu vem sendo ressignificado ao longo dos séculos. As primeiras manifestações de colecionismo organizado vêm do Egito Antigo, da Grécia e de Roma, mas a noção de museu como instituição pública, educativa e científica surgiu no século 18 e, desde então, passou por muitas atualizações.

No contexto europeu, um museu surgia a partir da coleção de artes e objetos que algum reino, igreja ou família possuía. Por isso mesmo, o período de expansão colonial – a colonização² – foi também o período em que se criaram muitos museus. A cada território conquistado, os colonizadores voltavam para casa com uma infinidade de objetos, artefatos, esculturas, pinturas – muitas vezes, sem sequer compreender o significado daquilo que levavam.

No século 20, outros tipos de museus começaram a ser pensados e constituídos por artistas, educadores, pesquisadores e comunidades. Museus passaram a ser vistos como espaços de diálogo, escuta e construção de sentido. Assim, novos museus – ou museus integrados³ – passaram a valorizar o que antes havia sido ignorado ou silenciado. A multiplicidade de vozes, memórias e histórias começou a ocupar os espaços até então reservados apenas a uma visão oficial e restrita da cultura.

Hoje, o Conselho Internacional de Museus – Icom – define um museu como: "Uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade". Essa definição ressalta que museus não são apenas espaços para guardar objetos, mas instituições que devem produzir conhecimento, cultivar vínculos com os territórios e comunidades, e defender valores como diversidade, acessibilidade e responsabilidade com as gerações futuras.

2 A expansão colonial foi o processo em que países europeus saíram de seus territórios, principalmente a partir do século 15, para conquistar, ocupar e explorar terras em outros continentes – como América, África e Ásia.

3 O conceito de museus integrados refere-se a uma transformação na forma como os museus atuam e se relacionam com a sociedade, especialmente a partir do final do século 20. Eles deixam de ser vistos apenas como lugares de guarda e exposição de objetos e passam a ser espaços dinâmicos, críticos, participativos e socialmente engajados.

Que histórias um museu pode contar?

É nesse contexto que surge o Museu Vassouras: um museu que nasce integrado ao seu território e comprometido com a história da sua gente. Localizado no Vale do Café – região formada por 14 municípios do sul fluminense, marcada por uma paisagem rural e profundas heranças históricas –, o museu busca promover o diálogo entre produções artísticas contemporâneas e as memórias vivas dessa região.

O museu foi implantado em um edifício histórico tombado de 3.331m², na praça Barão do Campo Belo, no centro da cidade de Vassouras, um dos locais mais ricos do Império do Brasil no auge do chamado Ciclo do Café⁴. Seu objetivo principal é atuar em benefício da sociedade e, por isso, desenvolve ações em colaboração com as múltiplas comunidades que compõem o território do Vale do Café, que foi palco de profundas transformações ao longo da história do país.

VOCÊ SABIA?

Ocorrida em 1972, a Mesa Redonda de Santiago do Chile, organizada pelo Icom, foi considerada um dos principais eventos que contribuíram para a autonomia dos museus integrados aos seus territórios na América Latina. Realizada na capital chilena, a mesa é tratada como um marco nas discussões a respeito da responsabilidade social dos museus, de sua função sobre o território e da interlocução com as comunidades próximas.

4 O ciclo do café foi um período histórico, entre 1820 e 1870, em que a produção e a exportação de café se tornaram a principal atividade econômica do Brasil. Esse ciclo teve grande impacto social – considerando que as riquezas acumuladas estavam diretamente vinculadas ao trabalho escravizado – e ambiental, já que a monocultura do café só foi possível pelo desmatamento da Mata Atlântica, o que deixou marcas visíveis no território até hoje.

Refletir sobre o futuro dos museus é também refletir sobre a realidade em que estamos inseridos - cidades rurais do interior, marcadas por suas singularidades e sua diversidade cultural. Por isso, o Museu Vassouras apresenta saberes e práticas culturais que contam essas e outras histórias, com seus cantos, gestos, ferramentas, modos de vida. São memórias que vivem nos corpos, nas vozes e nas tradições que ainda circulam hoje.

PERGUNTAS PARA SALA DE AULA

Como seria o seu Museu para o vale?

Qual processo do seu cotidiano você considera um patrimônio cultural?

O que mudou nos museus de ontem e de hoje?

Como um museu pode transformar uma cidade?

DINÂMICA COLETIVA PARA SALA DE AULA

Busca ao patrimônio

- 1** Retome as questões principais do texto e pergunte aos alunos:

O que é patrimônio cultural para vocês? Que exemplos de patrimônio material e imaterial conseguimos identificar em nossa comunidade? Existe algo que vocês acham que deve ser preservado porque faz parte da nossa história e da nossa identidade?

- 2** Escreva, em cartões de papel, pistas ou desafios relacionados a exemplos de patrimônio (alguns gerais e outros ligados à comunidade local). Por exemplo:

“Sou uma construção antiga que guarda histórias do passado” (uma igreja ou um prédio histórico).

“Sou uma tradição passada de geração em geração, com música e dança” (jongo, quadrilha, samba etc.).

“Sou uma receita típica que lembra festas de família” (bolo de fubá, feijoada etc.).

“Sou uma paisagem ou um elemento natural que todos conhecem” (uma árvore, uma praia, um rio).

3

Organize a turma em grupos de quatro a seis alunos. Sorteie uma carta com a pista e leia seu conteúdo em voz alta.

As equipes têm 1 minuto para discutir, levantar hipóteses e escrever sua resposta em um papel. Quando você der o sinal, todos deverão mostrar as hipóteses. Quem acertar ganha pontos e, se ninguém acertar, você pode dar uma dica extra.

4

Depois de algumas rodadas, cada equipe deve criar outra carta, com uma pista sobre algo que eles considerem patrimônio (da escola, do bairro, da cidade, da família). Essas cartas entram no baralho e são usadas na rodada final.

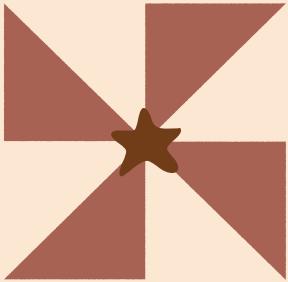
5

Ao final, as equipes compartilham por que escolheram cada exemplo de patrimônio. Retome a ideia central: patrimônio cultural é algo construído coletivamente e pode variar conforme a experiência de cada grupo.

Dalton Paula.
Mariana Crioula, 2022.
Folha de ouro e óleo sobre tela, 61 x 45 cm,
Coleção MASP



CHEGANÇA: PEDIR LICENÇA



Em cada ponto em que se chega, pede-se licença, louva-se o divino, enchendo o ambiente de cantos e rezas. Aprendemos que chegar a um lugar deve ser não só celebrá-lo, mas imantá-lo de licenças variadas.

**Marcelo Campos,
curador de Chegança**

Chegança é a exposição de abertura do Museu Vassouras, é o pedido de licença para os habitantes do Vale do Café no sul fluminense; de licença para chegar à cidade, para receber as pessoas, contar e compartilhar histórias. É uma entrada que se faz com respeito, atenção, cantos, festas e memórias.

Essa exposição inaugural procura evidenciar a relação da arte com a região do vale e, com isso, ouvir histórias, perceber a importância de protagonistas que vivenciam o tempo e valorizar aqueles que sempre estiveram e ainda estão produzindo cultura na região. A exposição nos conta das paisagens de antes e hoje, dos fluxos contínuos do rio Paraíba e das estradas de ferro, das festas, dos milagres, dos quintais, cantos e orações feitos por quem aqui está e pelos que já se foram; por quem projetou a região na história da música e das artes.

Dentro dos eixos Folias, Vapor e Milagre estão obras de artistas contemporâneos, acervos históricos, instrumentos, vestimentas, documentos, objetos e testemunhos que ativam reflexões importantes sobre a formação cultural da região.

Em Chegança, louvamos o início dos ritos, a casa, as pessoas, os encontros. Assim fazemos na chula das folias, nas rodas de rimas, no

partido-alto das esquinas. Nesses momentos, quando vestimos nossa identidade e as alegorias dos lugares aos quais pertencemos – e sobre os quais exercemos e bradamos poder, tradição e ruptura –, tudo ganha força e sentido.

Chegança quer encontrar o público e convidá-lo a dançar, a cantar, a refletir sobre os modos como construiremos nossas alianças.

Pertencimento: o programa educativo do Museu Vassouras

O Programa Pertencimento é constituído pelas atividades educativas do Museu Vassouras. As programações e ações do Programa buscam incentivar a educação, a preservação da memória e a valorização do patrimônio do Vale do Café. As atividades contemplam visitas educativas e acessíveis, cursos de formação, conversas, oficinas e articulações territoriais. Assim, o Programa Pertencimento visa a promover ações contínuas de educação, mediação cultural e difusão de conhecimentos da natureza e práticas socioculturais do território.

O programa garante a presença ativa da comunidade escolar nas atividades e no cotidiano do museu. Além de oferecer conteúdos para uso em sala de aula, a instituição convida cada visitante – criança, jovem, adulto, morador ou viajante – a caminhar junto e construir o conhecimento com seu corpo inteiro.

As atividades educativas que acompanham esta publicação são pensadas como um percurso: um convite a fazer junto, escutar, experimentar, cantar, olhar para o entorno e se reconhecer nas histórias.

Esta publicação integra o conteúdo e orienta o Programa Pertencimento, propondo uma jornada que parte dos três eixos apresentados na exposição – Folias, Vapor e Milagre – para se relacionar com as histórias, o patrimônio e o território do Vale do Café. Cada eixo se desdobra nos lugares vividos – o trem, as roças, os quintais, os trilhos – e segue pelas manifestações festivas, com seus cortejos que cruzam casas, personagens e cantos. Ao final, atravessa o rio em direção aos territórios do sagrado: a igreja, o terreiro, o altar, a floresta ou outros espaços de fé e encontro. Ao longo desse percurso, práticas culturais, saberes e modos de viver revelam pertencimentos e resistências que seguem vivos na região.

A partir das obras e discussões trazidas por este material, você poderá articular seu olhar com a experiência coletiva da sala de aula e entrelaçá-lo com as habilidades e os conhecimentos trazidos por cada eixo: uma aproximação inventiva entre a vida cotidiana e a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Espera-se que, ao fim desse trajeto, estudantes e educadores possam também se perguntar:

- Que caminho foi esse?
- O que se transformou ao longo da caminhada?
- Que memórias e saberes se revelaram no percurso?



Djanira

Trecho da obra *Folia do divino*, 1960.
Óleo sobre madeira, 155,8 x 216,0 x 3,0 cm,
Coleção Ronaldo Cesar Coelho, foto: Jaime Acioli

FOLIAS

Corpos em festa, memórias e resistências



Nossas festas populares são mais do que folguedos: são formas de resistência, de manter viva a nossa maneira de estar no mundo.

As atividades do eixo Folia propõem uma aproximação com as festas populares que atravessam a história e o cotidiano do Vale do Café e de tantas outras cidades do interior do Brasil. Com base nas expressões presentes no carnaval, nas folias de reis, nos cortejos de São Sebastião, na congada, nas bandas de música e nos desfiles de escolas de samba e blocos de rua, os percursos educativos convidam a investigar como essas manifestações constroem memória, transformam o espaço urbano e afirmam modos coletivos de existência.

Esse eixo parte da compreensão de que o corpo é o lugar da experiência e da celebração, e que a rua é palco e território político. As festas não apenas marcam o calendário – elas atualizam heranças afro-brasileiras, indígenas e rurais, desafiando as condições que nos são impostas diariamente com criatividade, humor e crítica social. Ao mobilizar símbolos, personagens e ritmos, as manifestações festivas mantêm vivas formas de organização comunitária e resistência, especialmente entre grupos historicamente marginalizados.

As propostas pedagógicas reunidas aqui incentivam o reconhecimento das festas como patrimônio cultural vivo e em disputa, que atravessa gerações, se transforma com o tempo e inventa novas formas de tecer memórias.

Lélia Gonzalez



[...] tanto no plano artístico quanto no social, o samba surpreende por seu poder de resistência [...] a evidência dessa força está em sua renovação constante e sua aptidão de assimilar valores de outras origens, tomando-os para si como acréscimo de força e jamais com perda de identidade.

**Nei Lopes e
Luiz Antonio Simas**

SAMBA

O samba nasceu como batida de pés no chão de terra, roda de corpos e vozes que se encontram. Nos quintais, nas festas de rua, nas casas simples, foi se inventando entre batuques, risos e histórias de vida. Cada verso guarda lembranças: do trabalho, das alegrias, das paixões, das saudades. O samba nunca foi só música: é um jeito de estar junto, de partilhar o tempo e o espaço, de transformar alegrias e dores em canto e movimento.

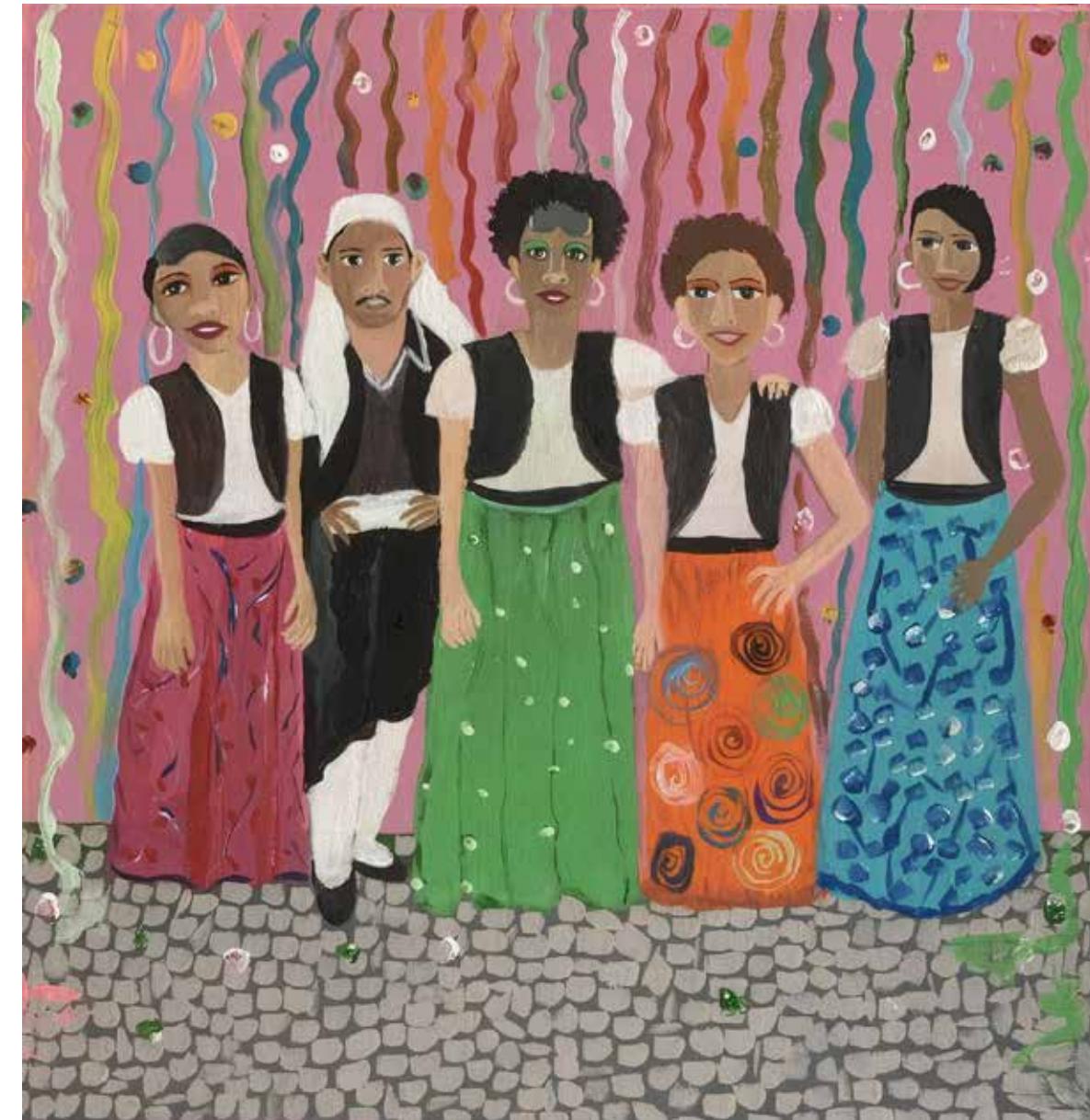
Todo mundo conhece o samba do Rio de Janeiro, mas pouca gente sabe que uma de suas origens cruzou o Vale do Paraíba. Antes de ser elemento essencial nas rodas de bambas, o ritmo descendente das rodas de jongo que ecoavam pela região, durante o século 19, através dos cantos e batuques do povo negro do Vale do Café. Quando a escravidão foi abolida em 1888, uma grande quantidade de ex-escravizados e seus descendentes deixaram o vale e migraram para as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, em busca de sobrevivência e dignidade. Ao chegarem ali, essas pessoas levaram seus saberes e ajudaram a formar o samba carioca e paulistano como conhecemos hoje, com suas fortes influências afro-indígenas. A Escola de Samba Império Serrano é um dos resultados da nova vida dos egressos das fazendas de café em contexto urbano.



A gente rompeu
várias barreiras
para chegar aonde
chegamos, e as
nossas ancestrais
lutaram muito
para estarmos
aqui fazendo nossa
parte, hoje. Tudo
isso é a força da
mulher, e é isso que
rege o samba.

⁵ Vozes do Vale é um projeto de pesquisa e escuta de pessoas de 14 cidades da região do Vale do Café, no sul fluminense. O projeto foi comissionado pelo Museu Vassouras e realizou mais de 40 entrevistas para ouvir as vozes do território que se desdobram em um arquivo vivo de imagem e som.

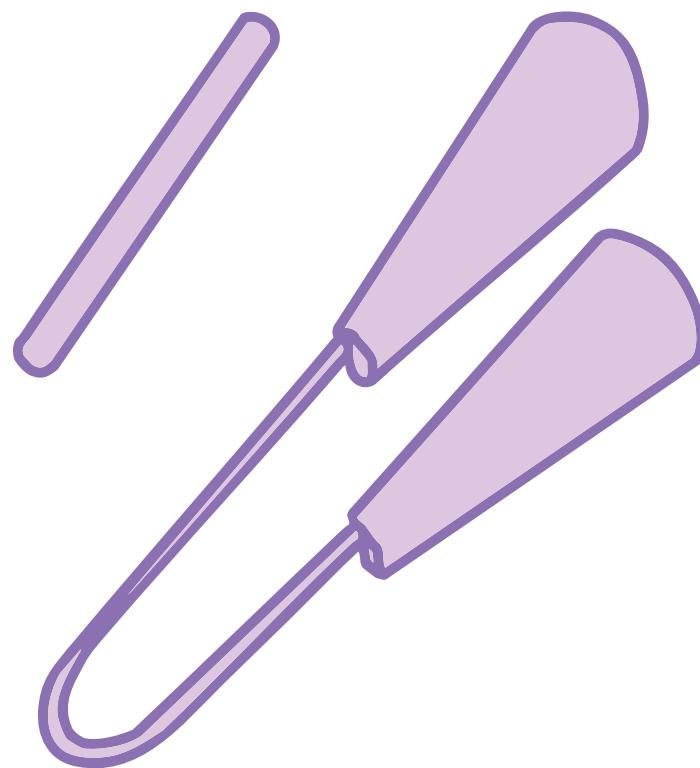
**Deli Monteiro
Chagas, integrante do
Jongo da Serrinha e
Império Serrano**



Na obra *Carnaval Antigo*, de Dulce Martins, que integra a exposição *Chegança*, vemos a presença feminina em destaque no coração da festa. A artista recupera a imagem das mulheres negras como guardiãs de memórias, costureiras de fantasias e mães do samba: abriram suas casas para rodas e batuques, como fizeram Tia Ciata, na Pequena África; Tia Vicentina, na Portela; e Tia Maria Joana, do Jongo da Serrinha, no Rio de Janeiro. Essas mulheres mantiveram vivas as tradições que moldaram o ritmo, o samba e a continuidade do jongo que nasce no Vale do Café. Ao evocá-las, Martins lembra que, por trás do brilho dos desfiles, está a força criadora dessas mulheres que transmitiram tradições e reinventaram ritmos.

Um exemplo conhecido dessa influência negra e feminina do vale sobre a formação do samba e do carnaval é a cantora Clementina de Jesus (1901 - 1987), nascida em Valença (RJ). Tendo crescido em meio aos pontos de jongo, cantos de trabalho, ladinhas e toques de capoeira ensinados pelos pais, Clementina vai para o Rio de Janeiro e se torna um grande ícone na história do samba. Seu trabalho de maior expressão foi o resgate entre a ancestralidade musical africana e o samba urbano.

Outra influência importante é Maria Joana Monteiro, mais conhecida como Vovó Maria Joana Rezadeira. Vovó Maria foi criada em uma fazenda de café, em Valença, até se mudar para o Rio de Janeiro, em 1920, onde participou, em 1947, da fundação da Escola de Samba Império Serrano. Já seu filho, o mestre percussionista Darcy Monteiro, traz para a tradição da escola de samba a influência do Jongo da Serrinha e do uso do agogô - um instrumento musical de percussão composto por dois ou mais cones metálicos, ligados por uma haste em forma de "U".



VOCÊ SABIA?

Até os dias atuais, o som do agogô marca a bateria da Império Serrano, escola de samba de Madureira fundada por lideranças de Valença, abrindo caminho para a união das escolas de samba aos terreiros.

PERGUNTAS PARA SALA DE AULA

- Quais sambas vocês conhecem?**
- Alguém aqui sabe cantar uma música da Clementina de Jesus?**
- O que o samba representa?**
- Como o samba pode ser entendido como uma forma de resistência e de união comunitária?**

DINÂMICA COLETIVA PARA SALA DE AULA

Nosso estandarte

Os estandartes e bandeiras são elementos visuais importantes nas escolas de samba. Contendo cores fortes, símbolos e imagens sugestivas, eles permitem que os foliões se identifiquem como grupo. São como ponto de encontro e unificação, guiando as pessoas na multidão e fortalecendo o senso de pertencimento do coletivo.

1 Junte os alunos em uma grande roda e inicie uma discussão a partir da pergunta: Que características e elementos nos unem como grupo?

Se quiser, coloque uma cartolina no meio da roda e peça para os alunos anotarem as palavras que surgirem.

2 A partir do resultado da discussão, incentive os alunos a pensar em símbolos e cores que sintetizam as ideias trazidas por todos.

3 Agora é hora de criar. Organize os alunos em grupos menores e peça para cada grupo criar um estandarte, unindo as ideias e imagens pensadas individualmente. Podem ser usados tecidos, papéis coloridos, lâs, franjas, lantejoulas, canetinhas e outros materiais disponíveis.

4 Ao final da atividade, monte, com os alunos, uma exposição dos estandartes criados ou promova um desfile ao som de uma música de Clementina de Jesus. Já pensou em como as mesmas ideias coletivas podem gerar resultados visuais muito diferentes? É uma forma de manter a singularidade de cada pessoa, sem se esquecer de que elas pertencem a um grupo.

Muxi Kisi Sala. *Sem título*, 2024.
Fotografia, 90 x 70cm, coleção da artista





Ô de casa nobre
gente / Escutai-me
ouvireis / Lá da
parte do Oriente
/ Na chegada dos
três reis / Dormidor
que está dormindo
/ No colchão de
ouro fino / Acordai
vem receber /
Meu Glorioso Deus
Menino / Dormidor
que está dormindo
/ Neste sono tão
profundo / Acordai
e venha ouvir
/ Alegria deste
mundo.

**Trecho da alvorada
cantada por Mestre
Tachico da folia de
Rio das Flores**

FOLIA DE REIS

O som das caixas e das violas ecoa pela rua de terra, anunciando que a folia vem chegando. De longe, já se vê a bandeira sagrada dos Santos Reis seguida por músicos fardados, vestidos de soldados, e pelos palhaços - figuras mascaradas enfeitadas com fitas, farrapos, espelhos e bordados. As vozes entoam ladinhas, cantigas e rezas antigas, celebrando a caminhada dos três Reis Magos, e os moradores vão saindo das casas, com olhares curiosos e sorrisos abertos. A folia de reis vem chegando pelas ruas, seguindo viva no compasso dos pés, dos instrumentos e das devoções.

No Vale do Café, o festejo existe desde o século 19, sendo constantemente atualizado. Resiste ao tempo e à modernização das cidades, mantendo vivas a fé e a devoção do povo. Em Rio das Flores, o encontro de foliões ocorre há três décadas, no Distrito de Manuel Duarte, com destaque para a Folia do Mestre Tachico e para a encenação do Reisado, que dramatiza a jornada dos Reis Magos. Em Valença, a festividade é a segunda maior do município, reunindo cerca de 15 mil pessoas e contando com a atuação da Associação dos Grupos

de Folias de Reis de Valença – Agforv –, que promove o engajamento e a catequese dos participantes, além de fomentar a expansão dos mais de 20 grupos existentes hoje. Já em Vassouras, o evento voltou a reunir folias no interior das ruas principais da cidade e, principalmente, nos bairros do Grecco e Residência, no Dia de Reis, e iniciou um processo inédito de registro e salvaguarda das folias por meio da Secretaria de Cultura, buscando apoio à continuidade dessa expressão cultural tão rica e original.

As máscaras da folia de reis são um ótimo ponto de entrada para a discussão, pois carregam significados profundos.

O palhaço da folia, por exemplo, tem diversas

narrativas – alguns dizem que representa um dos três Reis Magos que, disfarçados, se ocultavam para enganar os soldados de Herodes na busca pelo Menino Jesus recém-nascido, sendo guiados pela estrela do oriente. Em muitas folias, o mascarado representa a transgressão do cotidiano, permitindo que os foliões expressem sentimentos, papéis e vozes que, no dia a dia, ficam escondidos.

Fabricia Marciano, integrante da folia de reis de Tachico, conta no projeto Vozes do Vale que, junto da irmã, conseguiu quebrar o tabu da masculinidade e ser palhaço na folia – função geralmente ocupada pelos homens.

VOCÊ SABIA?

Com jornadas entre o Natal e o Dia de Reis, a folia de reis comemora o nascimento do Menino Jesus e envolve cortejos que visitam casas, igrejas, centros e cruzeiros, entoando cantos e relatando a viagem dos três Reis Magos para encontrar o recém-nascido. No estado do Rio de Janeiro, é comum encontrar folias organizadas por famílias afrodescendentes, que preservam um vínculo especial de devoção e apreço ao rei negro, Baltazar.

CONVERSAS NO PROJETO
VOZES DO VALE



Todo mundo achava que eram homens e, quando tirávamos a máscara, as pessoas se assustavam. Quando você veste aquela roupa, você muda totalmente e se esquece do eu. Às vezes, você fala tanta poesia vestido de palhaço, que, de cara limpa, é impossível. A folia de reis é como uma religião: você sente tanto a espiritualidade que é difícil de explicar. Só vendo, mesmo, para entender.

**Fabricia Marciano,
integrante da folia de
reis de Tachico**

Em diálogo com essa experiência, a videoperformance *Pancadão*, da artista Rafa Bqueer, também trabalha a ideia de quebrar regras. Ao assumir a figura do bate-bola – personagem histórica do carnaval de rua que tem origens associadas ao bairro de Santa Cruz, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, ligada também à folia de reis –, a artista cria um espaço de liberdade em que o corpo pode se expressar de outras formas, fora das normas do dia a dia. Assim como Fabricia e sua irmã decidiram se tornar palhaços na folia de reis, Rafa Bqueer mostra, por meio da mistura entre carnaval, funk e arte *drag*, que brincar com os disfarces é também um jeito de desafiar padrões e afirmar novas possibilidades de existir.

PERGUNTAS PARA SALA DE AULA

**Você tem alunos
que participam de
folias?**

**Quem já teve medo
ou desejou se tornar
palhaço na infância?**

**Alguém sabe contar
um verso de folia?**



DINÂMICA COLETIVA PARA SALA DE AULA

Máscaras de folia

Usar uma máscara é também participar de um rito de passagem, em que o corpo assume outra presença, trafegando entre o sagrado, o mistério e a celebração. Criar máscaras em sala de aula é uma forma de estimular a expressão simbólica e de entrar em contato com os sentidos poéticos e populares da festa.

- 1** Para ambientar os alunos com a folia de reis, assistam a alguns vídeos da folia em Vassouras, especialmente os da Jornada Divina Irmandade do Oriente (www.youtube.com/@JornadaDivinalIrmandadedoOrient). A partir deles, chame atenção para as máscaras usadas, seja para proteger a identidade, criar um clima de mistério e brincadeira ou marcar papéis específicos dentro do festejo.
- 2** Provoque a turma: O que uma máscara esconde? O que ela revela? Por que usamos máscaras em festas e rituais?
- 3** Agora, os alunos vão criar as próprias máscaras da folia de reis, inspirando-se nos personagens ou inventando novos. Podem ser usados diversos tipos de materiais, como papelão, cartolina, papel machê, tecidos, barbantes, fitas, tinta, lantejoulas e colagens. Incentive a criatividade: cada máscara pode representar um sentimento, um personagem inventado, um animal ou guardião simbólico.
- 4** Ao fim, peça para os alunos apresentarem suas máscaras e, posteriormente, organize um pequeno cortejo com as máscaras e músicas da folia, promovendo o encontro com outras turmas.

Rodolfo Teixeira.
Folia de Reis – Jardim do Éden, 2025.
Fotografia, 90 x 60 cm,
coleção do artista





Os afetos e o corpo influem tanto na produção de conhecimento como nas práticas políticas. Trata-se, portanto, de evidenciar multiplicidades, negociações e porosidades nos processos de construção da diferença, ao contrário de abordá-la como um dado.

**Mariléa de Almeida,
Devir Quilomba**

CORPOS

É no corpo que a memória se inscreve. É pele que guarda marcas, músculos que repetem gestos ancestrais, respiração que carrega lembranças invisíveis. Cada dança, cada canto, cada batida que atravessa o corpo transforma recordação em presença viva. O corpo, nesse sentido, é o primeiro arquivo, que não precisa de papel para registrar: nele, estão guardadas as histórias de quem veio antes, transmitidas em movimentos, ritmos e expressões que continuam pulsando no presente.

Mas o corpo também é território em trânsito. A memória que nele habita não fica presa a um lugar: atravessa oceanos, se reinventa nas diásporas, ganha novas formas em outras terras. Esse corpo nunca é fixo: ele se reinventa a cada enraizamento, a cada celebração. Na folia de reis, no carnaval ou nos cortejos de rua, é o corpo que canta, dança, se fantasia e se transforma, renovando tradições ao mesmo tempo que preserva a força dos ancestrais. O corpo é a ponte entre passado e presente, entre o aqui e o lá, entre a lembrança do que já foi vivido e a invenção do que está sendo criado agora.



40

41

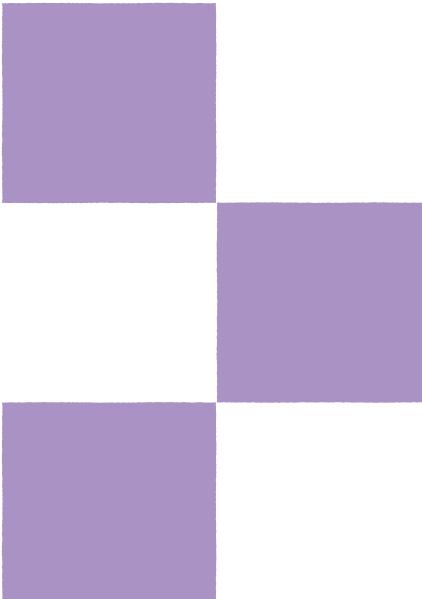
Caio Rosa. *Visões de Luvemba*, 2021.
Ampliação Manual e impressão C-Print, 58 x 83 cm cada

É nesse horizonte que a obra *Visões de Luvemba*, de Caio Rosa, se inscreve. Essas fotografias evocam a mistura entre os rituais da filosofia Bakongo – tradicional da África Central e que representa as fases do ciclo da existência, entre concepção, nascimento, vida e morte – e a cultura do bate-bola, nascida nas zonas oeste e norte do Rio de Janeiro.

Tradicionalmente carioca, a cultura do bate-bola incorporou, em anos recentes, o *funk* como um dos ritmos que embalam seus desfiles e celebrações, revitalizando e adaptando a tradição para as novas gerações. No *funk*, usado para animar as festas e os cortejos desses grupos, os giros, rebolados e agachamentos atualizam energias ancestrais em linguagem contemporânea. O corpo, no pancadão, se torna arquivo vivo da memória: atravessa continentes, conecta tempos diferentes, resiste e se reinventa a cada batida. Nos trabalhos de Caio Rosa, Rafaela Pinah, Rodolfo Teixeira e Muxi Kisi Kala, presentes na exposição *Chegança*, assim como no baile, o corpo mostra que a memória não é estática – ela vibra, pulsa e dança, em permanente atualização.

PERGUNTAS PARA SALA DE AULA

**Quando seu corpo festeja,
de quem ele se lembra?
Que músicas fazem seu
corpo atravessar tempos
e histórias?**



VOCÊ SABIA?

O bate-bola é uma das tradições mais marcantes do carnaval de rua carioca: grupos inteiros desfilam com fantasias coloridas e máscaras brilhantes, cobrindo o corpo da cabeça aos pés, enquanto correm pelas ruas, fazendo barulho ao bater bolas de plástico contra o chão. Sua origem mistura tradições europeias, como a folia de reis e os bailes de máscara, com a criatividade e a resistência das populações negras. Chamadas de Clóvis – uma adaptação da palavra inglesa *clown*, que significa palhaço –, essas pessoas se fantasiavam para festejar, usando bolas feitas de bexiga de boi, já que muitas delas viviam perto dos matadouros, nas periferias da cidade. Os bate-bolas são ao mesmo tempo assustadores e fascinantes, escondendo o rosto para brincar com o mistério e revelando, nos gestos, a memória viva da ancestralidade e da invenção popular.

DINÂMICA COLETIVA PARA SALA DE AULA

O corpo como tambor

1 Comece perguntando aos alunos: Quais sons e músicas fazem o corpo de vocês se mexer sem pensar (pode ser uma canção de infância, um funk, um batuque, um hino da comunidade)?

Explique que, em muitas culturas, a música é uma forma de manter viva a memória — e que o corpo, ao se mover, se torna arquivo dessa memória.

2 Distribua objetos do cotidiano (caixas, garrafas, tampas de panela) que podem servir como percussão. Organize a turma em pequenos grupos: cada grupo cria uma batida curta e repete até que todos a memorizem. Aos poucos, junte os grupos, criando uma polifonia rítmica, como se fosse um grande cortejo.

3 Com a batida acontecendo, peça para que cada aluno entre no círculo e apresente um movimento corporal (dança, gesto, passo) que associe a uma memória de festa. Pode ser algo que viu em família, em um bloco de carnaval, em um baile *funk*, em uma roda de capoeira ou até em uma brincadeira da infância. Esse movimento é repetido coletivamente pela turma, como se todos “aprendessem” essa memória corporal.

4 Por fim, discuta sobre que memórias coletivas e comuns essa pequena festa musical despertou nos alunos.

Beatriz Milhazes.
Trecho da obra *Meu limão*, 2000.
Acrílica sobre tela, 249,5 x 318,0 x 4,0 cm,
Coleção Ronaldo Cesar Coelho, foto: Jaime Acioli





Gé Viana

Sentem para jantar,
da série *Atualização traumática
de Debret*, 2021.

Impressão em jato de tinta com
pigmento natural de colagem
digital sobre papel Hahnemuhle
Photo Rag 308g/m², 42 x 59,4 cm,
Coleção Bernardo Paz

VAPOR

Entre trilhos, quintais e sonoridades



**Vapor berrou
na Paraíba,
chora eu,
chora eu,
Vovó. Fumaça
dele na
Madureira, E
chora eu. O
vapor berrou
piuí, piuí. Ô irê,
irê, irê, Ô irê,
irê, irê.**

O segundo percurso do material educativo parte do eixo Vapor, no qual o trem e seus trilhos conduzem histórias de deslocamentos, resistências e invenções. A ferrovia, que marcou profundamente o território do Vale do Café⁶, é aqui entendida em sua dimensão de infraestrutura e conexão de territórios, conduzindo memórias entre o Vale do Café e a Central do Brasil. É pelo caminho da estrada de ferro que histórias se entrelaçam e se reinventam em um caminho simbólico, lugar de encontros, trocas e reverberações culturais.

Nos vagões, viajam ritmos, gestos e saberes que atravessam gerações: das umbigadas às rodas de jongo, das rezas às músicas populares, das curimbas aos funks. Nas paradas em roças e quintais, o tempo se espalha entre o cheiro do café, o som das conversas, o preparo das ervas e o cuidado cotidiano.

As atividades educativas relacionadas a esse eixo propõem observar o entorno, valorizar os gestos simples, reconstruir trajetos de vida e imaginar novos trilhos.

Jongo da Serrinha

⁶ A ferrovia chegou ao Vale do Café no século 19, para facilitar o escoamento da produção de café até o porto do Rio de Janeiro e conectar as cidades próximas da região. Ela impulsionou o crescimento econômico da região e ajudou a conectar fazendas, cidades e mercados. A partir da década de 1960, o trem para passageiros foi descontinuado devido aos interesses da indústria automobilística e ao declínio da economia cafeeira.



A verdadeira revolução nos transportes e, consequentemente, no relacionamento do homem com o que continuava intocado da Mata Atlântica foi a locomotiva.

**Warren Dean,
*A ferro e fogo***

TRILHOS

A chegada da estrada de ferro transformou o Vale do Paraíba. O trem reorganizou o tempo e o espaço da região, alterando a paisagem de Vassouras, escoando a produção cafeeira e consolidando discursos de modernização do Império. Ao mesmo tempo, abriu caminhos para novos fluxos de pessoas e culturas, deslocando populações que levaram saberes, práticas e sonoridades para outros territórios.

A estrada de ferro chegou à região no século 19 e escoava a produção das fazendas de café até o porto de Santos. Por onde passavam os trilhos – que cruzavam antigas rotas indígenas e caminhos de tropeiros –, vinham também armazéns, estações, soldados e engenheiros. Além disso, muitos ex-escravizados seguiram pelos trilhos rumo à Baixada Fluminense e à cidade do Rio de Janeiro, alimentando processos de resistência e reinvenção cultural.



52

53

Walter Firmo.
Carnaval, RJ, 1985.
Fotografia, 120 x 90 cm,
Walter Firmo / IMS

A fotografia *Carnaval, RJ*, do fotógrafo Walter Firmo, ecoa esse movimento histórico: o trem como espaço de circulação não apenas de mercadorias, mas de cultura, memória, festa e encontro. No movimento de milhares de ex-escravizados que deixaram o Vale do Café rumo à Baixada Fluminense e à cidade do Rio de Janeiro, o trem tornou-se espaço de trocas culturais intensas – lugar onde cantos, culinárias e práticas religiosas circulavam e se reinventavam. A imagem nos provoca a pensar: de que forma os trilhos ajudaram a transportar não só o peso do trabalho, mas também as bases da vida cotidiana e da cultura urbana carioca?

**PERGUNTAS PARA
SALA DE AULA**

De que forma os encontros nos vagões ajudaram a formar novas culturas urbanas?

Até que ponto os trilhos uniram mundos distintos — das fazendas à cidade, da casa grande às ruas, da dor à celebração?

De que forma os trilhos podem ser lidos como caminhos de resistência?

VOCÊ SABIA?

O Vale do Paraíba é chamado de Vale do Café porque chegou a concentrar quase metade da produção mundial do grão no século 19. Essa riqueza sustentou o luxo das fazendas e fortaleceu o Império brasileiro — mas à custa do trabalho escravizado. Com os trilhos, o café corria, veloz, até o porto, mas também corriam pessoas que buscavam reinventar suas vidas, carregando consigo músicas, rezas e conhecimento. Já pensou que, sem esses deslocamentos, tradições como o jongo talvez não tivessem chegado às cidades?

DINÂMICA COLETIVA
PARA SALA DE AULA

O que os trilhos carregam consigo?

O trem é presença marcante na memória e na paisagem de muitas regiões do Brasil. Durante décadas, foi meio de transporte de pessoas, mercadorias e, também, de ideias e sonhos. Sua passagem, com sons metálicos e cadência ritmada, inspirou diversas composições da música popular brasileira que transformaram os trilhos em imagens de partidas, encontros, saudade e mudança.

1 Selecione algumas dessas canções e convide os alunos a escutar trechos delas, em grupo. Alguns exemplos:

“Trenzinho Caipira”

Heitor Villa-Lobos (clássica)

“Vapor”

Jongo da Serrinha (popular)

“Na linha do Mar”

Clementina de Jesus (samba)

“Trem das cores”

Caetano Veloso (MPB)

“Trem das onze”

Demônios da Garoa (samba)

“Trem das 7”

Raul Seixas (rock)

2 Durante a escuta, peça que os alunos prestem atenção:

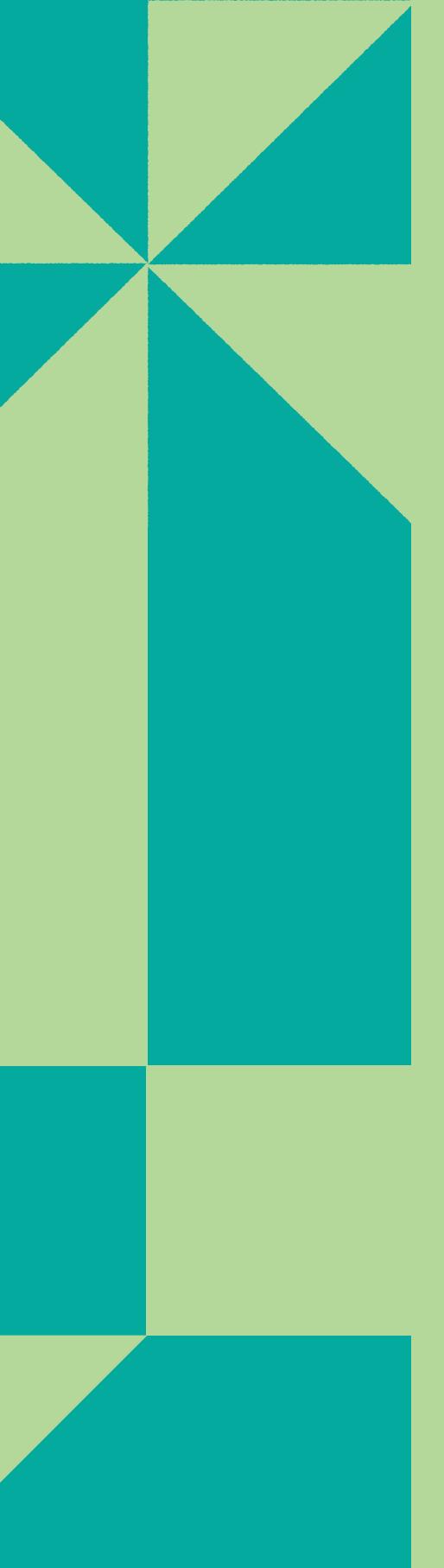
- Em que contexto o trem aparece (viagem, despedida, trabalho, memória)?
- Como a música faz o som do trem aparecer (onomatopeias, ritmo, letra)?
- Que sentimentos ou histórias estão ligados ao trem em cada canção?
- Como a presença e a falta do trem transformam o território do vale?

3 A partir da discussão sobre as transformações que o trem traz tanto na paisagem quanto na vida das pessoas, produza um mapa do que os trilhos carregam consigo.

Em um papel *kraft* horizontal, crie uma grande linha, desenhando um trilho que perpassa todo o papel.

Peça aos alunos que respondam à seguinte questão: O que os trilhos carregam consigo?

Sugira que as respostas sejam dadas por meio de recortes de revistas, desenhos e escritas poéticas, que podem ser colados conforme as categorias: paisagens, corpos, encontros e saberes. Os alunos podem escrever frases curtas inspiradas em depoimentos ou sentimentos dos personagens e situações que imaginaram.



“ Menino,
porque você
está mexendo
nas plantas
a esta hora?
Você não
sabe que
não se pode
tirar planta a
noite? Deixe a
planta dormir!

**Mãe Beata de
Yemanjá,
Pedagogia do axé**

QUINTAIS

Atrás das casas, os quintais se estendem como um território de memória viva, onde o tempo não corre, mas amadurece. Entre o cheiro do feijão no fogão a lenha e o balançar das roupas no varal, crescem pés de couve, mamão e inhame, cultivados com o mesmo cuidado de quem sabe que ali também se semeia história. As crianças brincam, descalças, enquanto as vozes das avós se cruzam em receitas, conselhos e lembranças que não cabem nos livros. Os quintais revelam o que pode parecer pequeno, mas é imenso: um mundo de trocas, memórias e cuidados que atravessam gerações.

Nos quintais da cidade e da zona rural, as cozinhas se estendem para o lado de fora, os galinheiros e hortas seguem ativos, e as plantas medicinais são cultivadas e compartilhadas entre vizinhos. Ali, se preparam alimentos, se guardam sementes e se multiplicam práticas que afirmam raízes no território. Durante o Ciclo do Café, foi também nos fundos de casas e senzalas que resistiram práticas culturais afro-indígenas, muitas vezes criminalizadas, como cultos de matriz africana, a capoeira e o uso ritual das plantas.

A raizeira Joana Darc Ferreira, de Valença, conta no projeto Vozes do Vale como é importante a ciência dos quintais:



O sonho do meu pai era que eu fosse médica, mas acabei virando médica das ervas, ao tomar consciência desse saber que a gente herda dos ancestrais. O uso das plantas e ervas é diferente para cada região e em cada quintal, mas uma coisa é certa: todas elas contribuem para a cura do corpo e da alma.

**Joana Darc Ferreira,
raizeira de Valença**



A obra *Algodão*, da série *Benzimentos*, de André Vargas, traduz visualmente essa herança: ao representar as plantas com simplicidade e devoção, acompanhada de um pedido de bênção, mostra como as ervas carregam sentidos que ultrapassam o uso medicinal. O algodão, presente em quintais e rezas, liga o cuidado do corpo ao cuidado da alma, revelando esses espaços como lugares de fé, memória e resistência.

Hoje, os quintais continuam sendo espaços de sociabilidade, trabalho e ciência, especialmente nas periferias urbanas e nas comunidades rurais, como nas obras *Quinta da Dona Miriam* e *Mão na jaca*, do artista carioca Caio Luiz, e *Estendendo roupa*, de Abigail de Andrade. É nesses lugares que ainda se fazem doces para vender, se plantam ervas, se costuram roupas, se organizam festas de santo e se articulam redes de solidariedade e economia local.

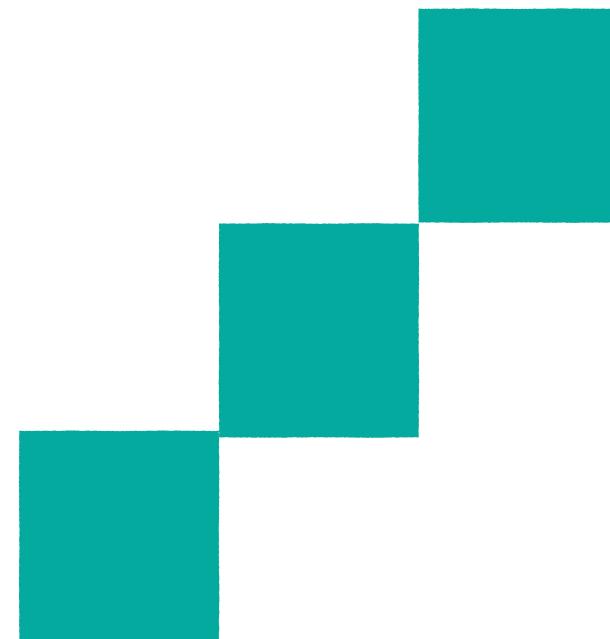
Apesar de parecerem simples ou comuns, os quintais são verdadeiros museus do cotidiano, guardando saberes, práticas e objetos que contam a história de certas gentes e seus jeitos de viver. Já pensou que, em um quintal, tudo tem memória? O pilão gasto no canto, a muda herdada da avó, o banco de madeira onde se costura, se conversa e se espera o tempo passar. Nos quintais, o trivial ganha valor, e o que é repetido com cuidado vira patrimônio vivo, preservado não por regras, mas por uso e permanência.

VOCÊ SABIA?

Muitas plantas medicinais crescem bem perto da gente – no quintal, na beira do muro ou no vaso da varanda! A hortelã alivia dores de barriga, a camomila acalma, a babosa trata queimaduras e a erva-cidreira espanta o estresse. Com cuidado e orientação, o quintal vira farmácia e os chás viram cuidado em forma de aconchego.

PERGUNTAS PARA SALA DE AULA

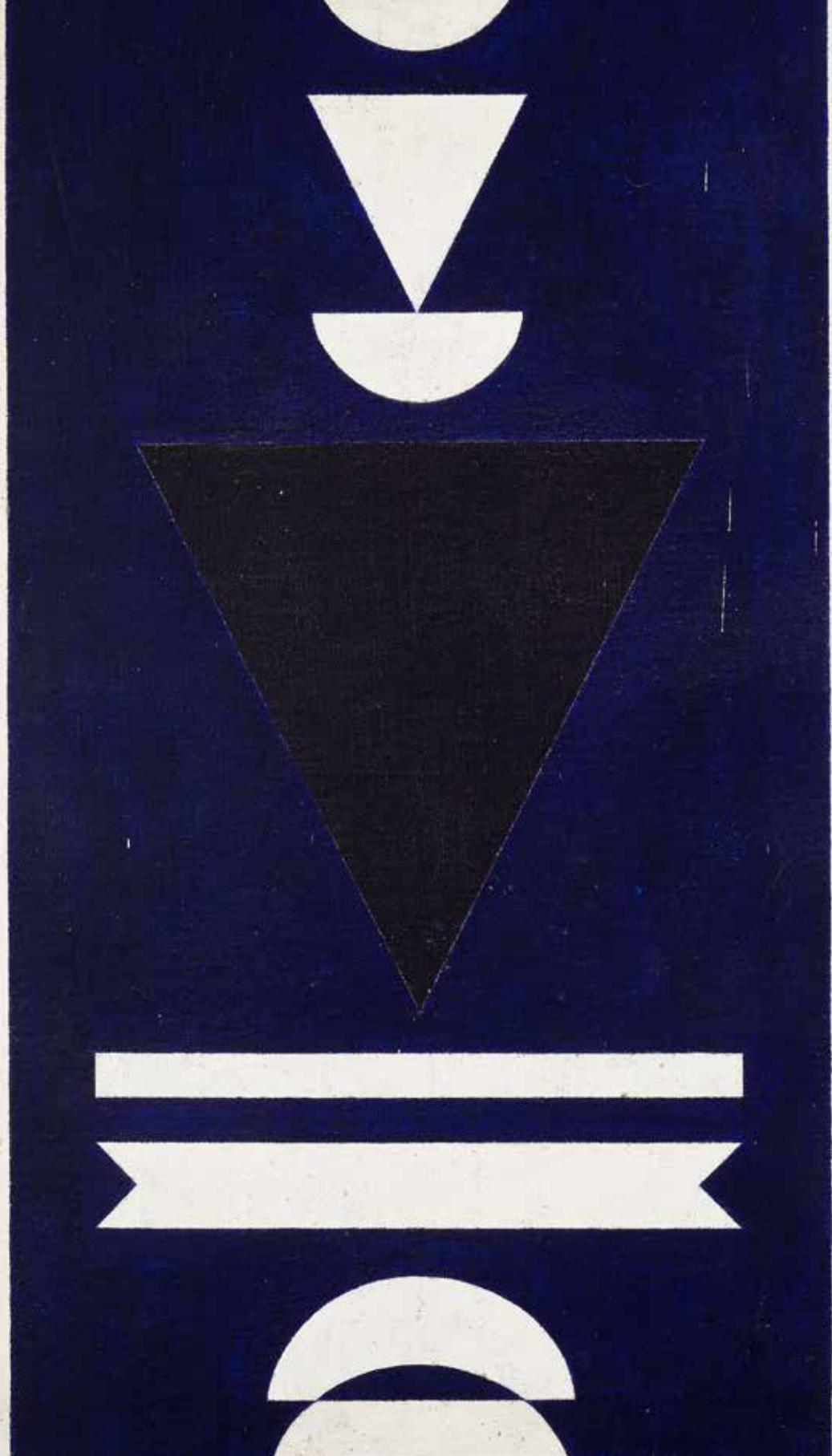
Quais plantas de quintal você conhece? Para que cada uma delas serve?



Museu do cotidiano

- 1** Em um primeiro momento, converse com os alunos sobre o que existe ou existia nos quintais de suas casas ou nas casas de seus familiares, pedindo a eles para responder à seguinte pergunta: O que cabe em um quintal?
- 2** A partir das respostas, discutam coletivamente como cada elemento trazido guarda memórias e traz histórias a serem compartilhadas.
- 3** Em um segundo momento, distribua papéis cortados no tamanho de um cartão postal (10cm x 15cm) para os alunos da classe e peça para que cada um deles desenhe um elemento que guarde memórias de um quintal que conheça ou do qual se lembre. Juntos, organizem os postais por temas (ex.: plantas, objetos de cozinha, brincadeiras, afetos) e formem um pequeno museu do cotidiano.
- 4** Por fim, proponha uma conversa guiada por perguntas como:
 - O que os objetos do nosso mural contam sobre quem somos?
 - Que memórias resistem nos nossos quintais?
 - Como seria um museu feito só com essas pequenas coisas do dia a dia?

Rubem Valentim.
Trecho da obra *Composição 5*, 1959.
Óleo sobre tela, 70 x 50 cm,
Coleção Ronaldo Cezar Coelho, foto: Jaime Acioli





Tambor,
tambor
Vai buscar
Quem mora
longe
Tambor.

**Notório ponto de
jongo do Vale do
Paraíba do Sul,
citado por Espírito
Santo em *Do Samba
ao Funk do Jorjão***

JONGO

Em volta de uma fogueira acesa, forma-se uma roda ao som de dois tambores, o tambu e o candomgueiro, que anunciam o início da noite de festa. A mais velha do grupo se benze nos tambores sagrados e improvisa um verso, pedindo licença para iniciar o jongo. Todos respondem, cantando e batendo palmas. Conforme nos conta Maria Amélia Silveira, do Jongo de Pinheiral, "Toda roda de jongo tem seu mestre, toda comunidade jongueira tem seu mestre".

Também chamado de caxambu, o jongo foi criado no Brasil por negros de origem *bantu*, trazidos para trabalhar nas fazendas de café do Vale do Paraíba. Para essas pessoas, o jongo era um momento de troca, ensinamentos, celebração e confraternização, e acabou se tornando uma das maiores contribuições desses povos para a formação da cultura e da música popular brasileira.

Jongo é uma dança de roda na qual cada casal, a seu turno, vai para o centro da roda, girando no sentido contrário aos ponteiros do relógio, e dá lugar a outro casal a partir da simulação de uma umbigada ou um golpe de barriga, projetando seu umbigo em direção ao umbigo da outra pessoa, a distância. Ao som de dois tambores feitos de troncos de madeira e couro de animal, um mais agudo e outro mais grave, o jongo é cantado com versos improvisados, respondidos por todos na roda. Esses versos, chamados de pontos, retratam fatos do cotidiano e a revolta com a opressão sofrida pelo povo negro nas fazendas, nos tempos da escravização.

VOCÊ SABIA?

A maioria das pessoas que vieram do continente Africano para o Vale do Paraíba tinham origem bantu – grupo diversificado de povos e culturas originários da África Central, bem como às línguas que compartilham, especialmente das regiões que, hoje, correspondem a Angola e aos Congos. Sua presença moldou profundamente a cultura brasileira, sobretudo no modo como falamos e em palavras que usamos – como moleque, muvuca, cafuné, samba, fubá. A palavra “jongo” tem algumas aproximações em bantu, como *nsongi* (ponta, aguilhão), *nzongo* (tiro), *songo* (ponta de flecha).

CONVERSAS NO PROJETO
VOZES DO VALE



O jongo foi passado de geração em geração e, hoje, é considerado o ancestral do samba como o conhecemos. Como diz o jongo, ‘*deram nossa liberdade, mas não deram banco pra sentar*’. Que liberdade é essa que forçou tantos a retornarem à escravidão? A gente sabe que não passou.

**Claudia Mamede,
Liderança do Jongo
Renascer, de Vassouras**

Por ser uma manifestação cultural afro-brasileira que carrega, em seus cantos, danças e ritmos, a memória viva das populações negras, o jongo representa resistência. Além de uma dança, ele nasceu como linguagem que, através dos pontos, permitia a comunicação entre o povo negro, sem serem repreendidos, o que o aproxima de manifestações como a capoeira, o samba, o *funk* e o *rap* – que, não raro, materializam respostas potentes em relação às desigualdades impostas pela sociedade.

Apesar das dificuldades, o jongo ainda tem sido fator de integração, construção de identidades e reafirmação de valores comuns, estratégias em que a memória e a criatividade são fundamentais. A fim de valorizar a importância dessa forma de expressão para a conformação da identidade cultural brasileira, a partir de uma articulação e reivindicação das comunidades jongueiras, o jongo foi registrado pelo Iphan, em 2005, como patrimônio cultural do país. Hoje, ele acontece nas festas dos santos católicos e divindades afro-brasileiras, nas festas juninas, no Divino e no 13 de maio da abolição da escravatura. Além disso, o jongo é celebrado em 26 de julho, data que homenageia essa manifestação originária do Congo e de Angola, e que se difundiu principalmente na região Sudeste do Brasil.

Em Vassouras, o jongo mais tradicional é o grupo Caxambu Renascer, fruto de um trabalho de fortalecimento da identidade afro-brasileira na região. Originário de Seu José Bolero e Dona Rosa Gama, que passaram os cânticos e danças para seus filhos e netos – como Claudia Mamede e Cacalo (*in memoriam*), hoje lideranças do jongo. O Renascer começou a ser difundido a partir da década de 1990, quando os filhos do casal começaram a organizar festividades nas quais o jongo era apresentado.



A obra *Filha Natural*, de Aline Motta, também estabelece um elo com o jongo, ao trazer à tona histórias apagadas pelos tempos de escravidão, recuperando fragmentos de memórias familiares em Vassouras. Nesse trabalho, a artista encontra Claudia Mamede como uma presença que desestabiliza narrativas históricas de submissão, reinscrevendo a figura negra como protagonista da própria história. Assim como os pontos do jongo preservam e transmitem saberes ancestrais, a obra de Motta confronta as ausências documentais e propõe a existência de heranças e parentescos simbólicos que ainda persistem, revelando como o passado ressoa no presente como uma potência de reescrita da história.

PERGUNTAS PARA SALA DE AULA

O que significa pensar na música e na dança como “arquivos vivos” de histórias e saberes?

Quais memórias e tradições vocês carregam nas suas famílias e comunidades que também poderiam ser registradas ou celebradas?

DINÂMICA COLETIVA PARA SALA DE AULA

Nossa roda de jongo

- 1** Para preparar o terreno, assista com os alunos ao vídeo *Vassouras – Versos do Jongo* (www.youtube.com/watch?v=_ei5x45zBa8) e, a partir dele, discuta coletivamente as seguintes perguntas: Você conhece alguém que participa de um grupo de jongo? Você já participou ou assistiu a uma roda de jongo?
- 2** Organize o grupo em dois menores. Pegue um papel ofício e faça, com ele, uma sanfona de quatro partes. O primeiro grupo escreve uma frase na primeira dobra, respondendo à seguinte pergunta: “Que mensagem queremos deixar para as próximas gerações?”, e passa a sanfona para o segundo grupo. Esse, por sua vez, responde à frase escrita com uma rima, e devolve a sanfona ao primeiro grupo. Faça isso até que as quatro dobras estejam preenchidas por quatro frases que rimam.
- 3** Leia as frases em voz alta, até que todos as tenham na cabeça. Esse será o ponto do jongo.
- 4** Forme uma roda alternando, lado a lado, uma pessoa de cada grupo. Em revezamento, as pessoas de cada grupo declamam os versos que escreveram, enquanto as outras batem palmas em um ritmo constante.
- 5** Repita o processo até que os versos e as palmas estejam ritmados e, se quiser, repita o processo, inventando novos pontos.



As tecnologias terapêuticas e populares do apaziguamento das almas pela mineração das folhas e pela fumaça dos cachimbos do Congo.

Luiz Antonio Simas,
O corpo encantado das ruas

FUMAÇA

Nas defumavações dos terreiros, nos pitos dos cachimbos, nas velas acesas e nas fogueiras que iluminam as rodas de jongo, a fumaça – efêmera, mas persistente – paira no ar como símbolo de saberes e memórias que sobrevivem através das gerações.

A presença dos indígenas Puri e Arari, os curandeiros, os cachimbos acesos e as ervas conhecidas pelos mateiros são parte dessa fumaça que revela o que muitos tentaram encobrir. Além disso, a fumaça também evoca o sagrado: nas igrejas católicas, nos cultos evangélicos, nas curimbas, nos terreiros, nos cachimbos cerimoniais – em que a fumaça é ponte entre mundos, instrumento de comunicação com os ancestrais. Do mesmo modo, nas rezas diante de velas e incensos e nas procissões em que a fumaça do turíbulo abençoa corpos e caminhos, também se faz presente essa ponte invisível, que liga o humano ao divino e inscreve no ar um sinal de fé.



Ziel Karapotó. *Ziel Karapotó como fumaça*, 2022.

Impressão em papel PhotoRag 310g.

Fotografia da performance por Lígia Jardim,

MAR - Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da
cidade do Rio de Janeiro / Doação Christal Galeria de Artes

Na obra *Ziel Karapotó como fumaça*, do artista indígena Ziel Karapotó, a fumaça ganha corpo e vira linguagem. Ela nasce do gesto de pisar a terra, de bater o pé no chão e de se conectar com as tradições de seu povo. O que poderia ser só poeira do dia a dia Ziel Karapotó transforma em arte, mostrando que esse rastro de fumaça carrega memória, força espiritual e também beleza. Em suas performances, a fumaça não é apenas o ar que passa: é caminho, guia e lembrança viva dos ancestrais.

No Vale do Café, essas histórias seguem vivas nos gestos cotidianos, nas palavras sopradas em segredo, nos corpos que dançam, nas mãos que curam. Elas testemunham uma continuidade silenciosa, como brasa encoberta sob as cinzas que ressurge diante da escuta atenta.

A fumaça também foi, e ainda pode ser, um sinal. Antes mesmo da escrita ou dos meios digitais, povos originários utilizaram a fumaça como forma de comunicação a distância: os sinais de fumaça, visíveis no horizonte, serviam para alertar, convocar, celebrar. Nesse gesto ancestral, o fogo se revela tecnologia e linguagem – e a fumaça, índice primário de presença humana na paisagem, rompe o silêncio das matas e das serras. Onde há fumaça, há alguém. Uma fogueira acesa pode indicar morada, acolhimento, festa ou cuidado. Reconhecer esse traço na paisagem é também ler o território como texto vivo, em que cada bruma que se ergue carrega histórias, avisos e resistências.

VOCÊ SABIA?

A presença indígena no Vale do Café é ancestral e cotidiana: povos como Coroado, Arari e Puri habitavam a região muito antes da chegada do café. Com o avanço da colonização e da monocultura, esses povos enfrentaram conflitos fundiários, desmatamentos e a perda de seus territórios tradicionais. Suas formas de viver, cuidar da terra e se relacionar com a natureza desafiaram a lógica da propriedade privada e ainda hoje inspiram outras formas de existência e pertencimento ao território. Hoje, existem alguns coletivos Puri e um Museu dedicado à sua cultura: o Movimento de Ressurgência Puri, o Movimento de Resistência Puri e o Museu da Cultura Puri.

PERGUNTAS PARA SALA DE AULA

O que a fumaça pode simbolizar em diferentes tradições religiosas e culturais?

Por que a fumaça pode ser vista como ponte entre o humano e o divino?

Como podemos, hoje, criar novas “linguagens de fumaça” para comunicar cuidado, resistência e pertencimento em nossas comunidades?

DINÂMICA COLETIVA
PARA SALA DE AULA

O que a fumaça nos conta?

1 Recorte quatro pedaços de papel e escreva as seguintes frases/situações em cada um deles:

- Há ameaças se aproximando da aldeia!
- Hoje tem festa no terreiro. Venham dançar e cantar conosco!
- Estamos com poucos alimentos ou remédios – precisamos de ajuda urgente!
- A chuva vem forte pela serra – preparem-se!

3 Depois, cada grupo apresenta o código para o restante da turma, que tenta decifrar a mensagem enviada.

Conclua com uma conversa sobre como diferentes povos usaram (e usam) estratégias próprias de comunicação, como os sinais de fumaça, o som dos tambores ou os cantos ritualísticos.

Dalton Paula.
Manuel Congo, 2022.
Folha de ouro e óleo sobre tela, 61 x 45 cm,
Coleção MASP





Tarsila do Amaral.

Composição, 1930.

Óleo sobre tela, 83 x 129 cm,

Coleção Ronaldo Cesar Coelho, foto: Jaime Acioli

MILAGRE

Encantos e mistérios que correm com as águas



O rio é um ser vivo. Ele canta, geme, murmura, avisa.

No eixo Milagre, da exposição *Chegança*, o rio Paraíba do Sul não é apenas um marco geográfico: é mestre, casa e caminho. As atividades educativas propostas nesse eixo convidam públicos de diferentes idades a conhecer as águas que atravessam o Vale do Paraíba, explorando os modos como a fé, a natureza e a imaginação constroem uma paisagem.

Aqui, milagre não é entendido como ruptura, mas como parte do cotidiano, visível nas tradições populares, nas oferendas, nos cantos de trabalho e nas histórias que brotam dos barrancos. Os milagres nos mostram a relação entre corpo, território e espiritualidade: o oratório como abrigo, o barco como rito, o bordado como reza, o peixe como promessa.

As ações pedagógicas se abrem à escuta dos povos que reconhecem o rio como entidade e propõem experiências sensíveis com plantas, cantos, objetos e narrativas. São formas de acessar e compartilhar conhecimentos que fluem entre o visível e o invisível, como as águas que escondem e revelam. Os milagres que nos interessam não são espetáculos distantes, mas gestos cotidianos de sobrevivência e invenção. Por isso, as atividades aqui não buscam ensinar o que é sagrado – mas criar espaço para sentir, cuidar e imaginar.

Ailton Krenak



**Todo rio vai
para o mar, lava
e leva lágrimas.
Eleva a alma.
Na imensidão
do mar, coisas
pequenas são
apenas coisas
bem pequenas.
Não me sinto só
pois tartarugas
nadam ao
meu lado.**

**Aline Rochedo
Pachamama**

ÁGUAS

O Vale do Café é, antes de mais nada, o Vale do Paraíba do Sul, rio cujas águas atravessam os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Passando por 168 municípios e abastecendo cerca de 13,5 milhões de pessoas, o rio Paraíba do Sul irriga, hoje, mais de 60 mil hectares de plantações. Foi essa abundância de água que permitiu, inclusive, os primeiros assentamentos urbanos em suas margens, além do rápido desenvolvimento das plantações de café e cana-de-açúcar e dos fluxos da exploração do ouro em Minas Gerais.

No entanto, apesar de sua importância histórica no crescimento das atividades econômicas da região, é importante lembrar que o rio Paraíba do Sul tem sido testemunha, ao longo dos séculos, de mudanças substanciais na paisagem do vale e, para muita gente, assume um significado simbólico, ligado à memória e à identidade cultural. Os indígenas Puri, tradicionalmente nômades, ocupavam toda a extensão da bacia do rio Paraíba do Sul – especialmente entre as serras do Mar e da Mantiqueira⁷ –, mantendo com o rio uma relação íntima para a pesca, a agricultura de subsistência, a coleta e a caça.

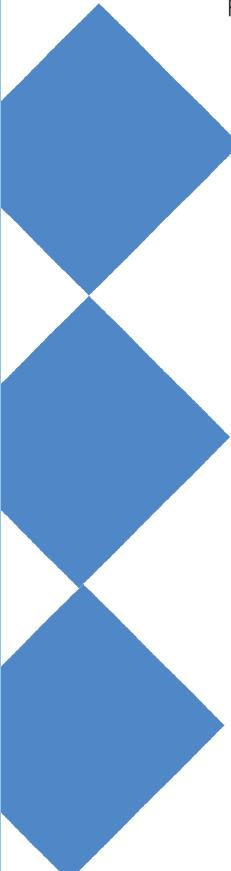
⁷ Para o povo Puri, esse território é chamado de Amana Tykira, que significa “terra onde o rio dorme” ou “rio que dorme”. Esse nome reflete a importância da serra e de seus recursos hídricos para a cultura e a vida dos Puri.



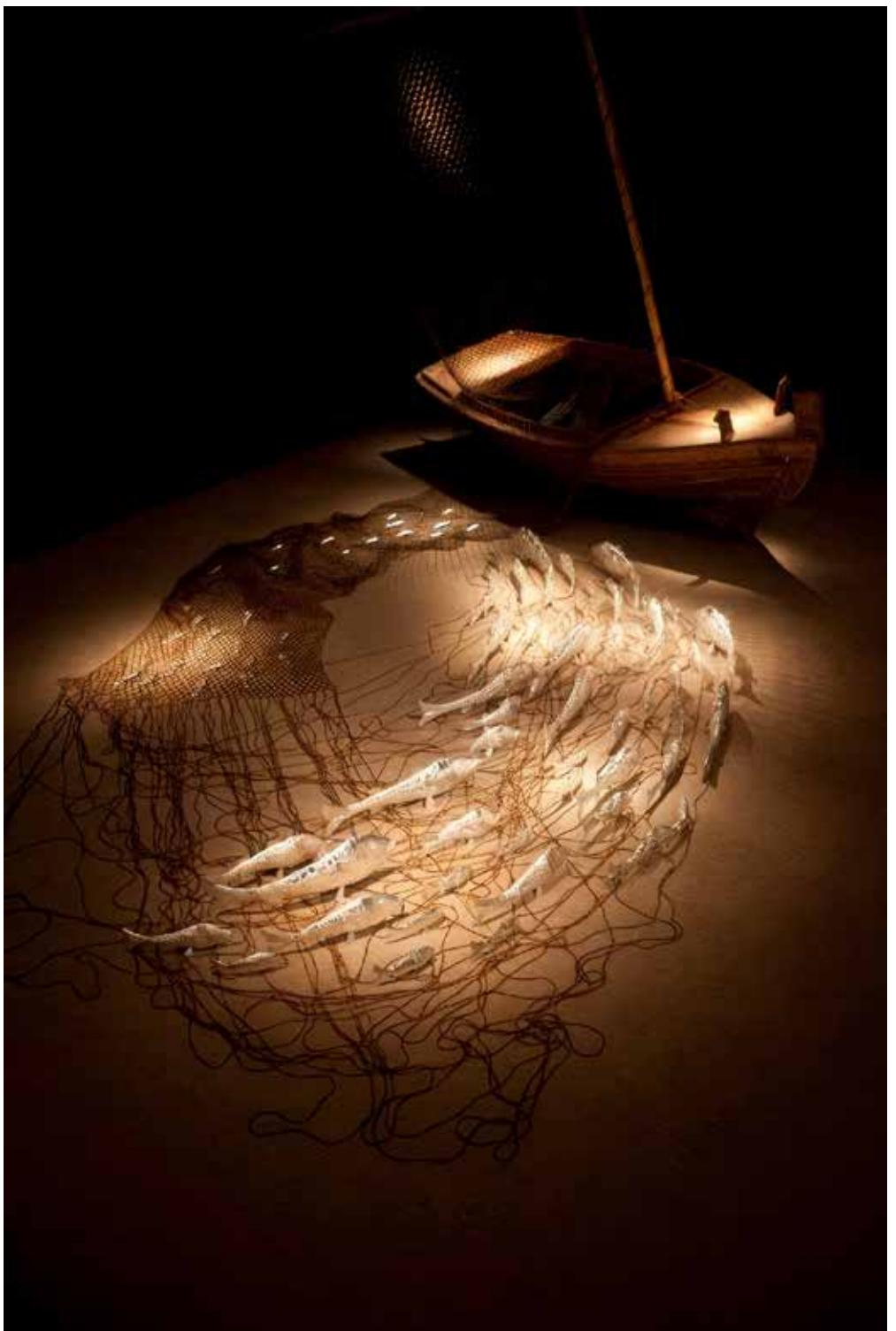
O rio é um avô, uma potência de vida que marca o território a partir de seu curso. É um ser livre, que muda de caminho quando chove ou quando faz seca e abriga uma grande vida submersa em suas águas. Como o sangue corre nas veias do nosso corpo, os rios correm em nosso território. O rio é memória, cria registro em seus caminhos, e cabe a nós que esse bem seja guardado e passado de geração em geração.

**Aline Rochedo
Pachamama,
escritora Puri**

A partir dos séculos 18 e 19, a expansão cafeeira se tornou um veículo de invasão dos territórios Puri, resultando em expulsões violentas, dispersão forçada e no apagamento sistemático de sua identidade. Embora considerados extintos no século 20, os Puri ainda existem e estão em processo de retomada e resistência de sua língua e seus saberes ancestrais. Muitos indígenas Puri seguem preservando seus modos de vida e de relação com as águas – memórias que ainda persistem entre ribeirinhos e pequenos agricultores locais –, como os artistas Kandú Puri, Dauá Puri e Carmel Puri, que fazem parte da exposição *Chegança*. Hoje, parte dos povos tradicionais que vivem às margens do Paraíba do Sul – e sobrevivem da pesca artesanal e da agricultura de subsistência – é herdeira do modo de vida das primeiras comunidades indígenas. Ao passo que eles guardam os saberes ancestrais e as relações com as águas, enfrentam de perto as mudanças drásticas que o progresso impõe à região.



Na obra *Puxada de Rede*, de Nádia Taquary, a artista dialoga com as narrativas ribeirinhas e com os saberes ancestrais afro-indígenas que têm na água uma fonte de vida e de espiritualidade. A instalação, composta por um barco e uma grande rede carregada de peixes prateados, remete à travessia atlântica e à memória das mulheres negras que, como mães e guardiãs da vida, acompanharam seus filhos na dura jornada da diáspora. Cada peixe, como uma joia, simboliza tanto o alimento quanto a continuidade das existências que resistem. A obra faz lembrar que o gesto de puxar a rede não é apenas um trabalho de pesca, mas também um ato de resistência e de religiosidade – uma forma de reconectar o corpo, o rio e o mar com os conhecimentos antigos que unem o visível e o invisível, a matéria e o sagrado.



Nádia Taquary. *Puxada de rede*, 2013.

Barco com um mastro solto (encaixado só na montagem), medindo 4m de altura, onde uma rede feita de contas de madeiras com 30m de comprimento se estende até os 60 peixes de metal, com oito banhos eletrostáticos de prata, coleção da artista

VOCÊ SABIA?

Atualmente, o rio Paraíba do Sul sofre com a intensa poluição causada principalmente pelo despejo de esgoto urbano ao longo dos municípios por onde passa. Uma pesquisa da Universidade de Taubaté – Unitau –, realizada ao longo de três anos em Tremembé e Aparecida – os trechos mais contaminados no Estado de São Paulo –, identificou níveis elevados de poluentes na água, incluindo metais pesados como alumínio e ferro, além de pesticidas e herbicidas. Essas substâncias tóxicas afetam o equilíbrio ecológico do rio, provocando a perda da biodiversidade e oferecendo riscos graves à saúde humana, como alterações genéticas e câncer, devido ao acúmulo desses compostos na cadeia alimentar.

Edson Batista Faria, canoeiro e pescador de Manuel Duarte (distrito de Rio das Flores), mostra, no projeto Vozes do Vale, como a conexão com os rios segue importante, apesar das mudanças: "O rio me mostra muita coisa boa, é vivo e sabe muito mais que a gente. Antigamente, tinha muito acará dourado e, hoje, é raro de achar. O pião também, assim como a cumbaca, acabou. Antigamente, nenhum anzol falhava, mas hoje os peixes estão acabando. De alguma forma, o rio me protege, e acho que é por isso que devemos protegê-lo também".

PERGUNTAS PARA SALA DE AULA

O que aprendemos quando olhamos para o rio?

Que memórias ligadas a rios, mares ou outros elementos da natureza cada um guarda?

DINÂMICA COLETIVA PARA SALA DE AULA

Os rios que nos atravessam

1 Proponha uma roda de conversa para pensar como os rios atravessam nossa história. Para isso, inicie a dinâmica mostrando o curta *Konāgxeka: o dilúvio Maxakali* (www.youtube.com/watch?v=_XKNdLtJZGs), que conta a versão do grande dilúvio da história da humanidade, do ponto de vista do povo Maxakali, de Minas Gerais.

A partir do filme, convide os alunos a contar o que sabem ou vivenciam em relação aos rios da sua região.

2 Levante questões como: Como os povos originários cuidam dos rios? Como os rios cuidam de nós? E como nós usamos os rios hoje? Qual é nossa relação com eles?

3 Após a discussão, proponha aos alunos que façam, coletivamente, um filtro caseiro que elimine as impurezas da água.

Materiais:

- 1 garrafa PET de 2 litros
- Tesoura ou estilete
- 1 pedaço de tecido ou filtro de café
- 1 elástico ou barbante
- Carvão ativado (ou carvão vegetal moído)
- Areia fina (lavada)
- Areia grossa (lavada)
- Pedrinhas ou cascalho
- Recipiente para coletar a água filtrada

Passo a passo:

1. Corte a garrafa PET ao meio. Use a parte de cima como funil, com o bico virado para baixo.

2. Coloque o filtro: prenda o tecido ou filtro de café sobre o bico da garrafa, usando um elástico. Isso impede a passagem de resíduos.

3. Monte as camadas do filtro, de baixo para cima (próximo ao bico):

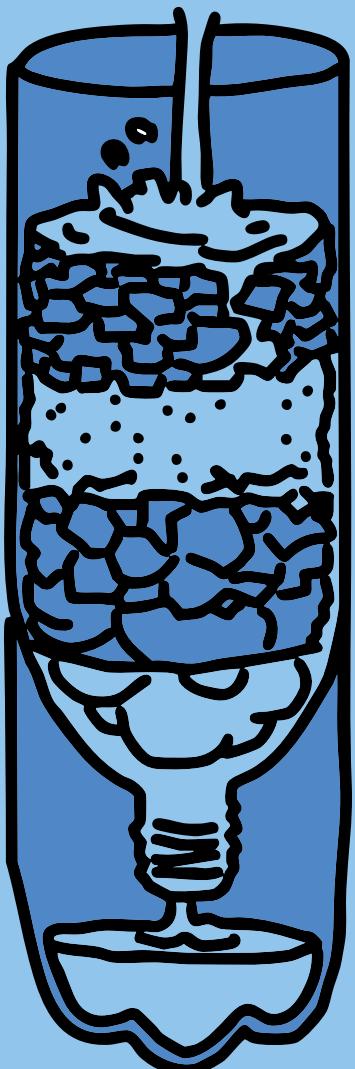
- 1^ª camada: carvão ativado (ajuda a eliminar odores e impurezas químicas)
- 2^ª camada: areia fina
- 3^ª camada: areia grossa
- 4^ª camada: pedrinhas

4. Acomode bem os materiais para que a água passe lentamente, aumentando a filtragem.

5. Coloque a parte do funil sobre um recipiente limpo.

6. Despeje a água suja no topo do filtro e aguarde a filtragem.

7. Importante: a água filtrada ainda não é potável. Para consumo, ferva por 5 minutos ou use uma gota de hipoclorito de sódio (2,5%) por litro de água.



Questões que podem ser trabalhadas com os alunos: Qual era o aspecto da água antes de passar pelo funil? Qual era o aspecto da água depois que ela passou pelo funil? Por que a água filtrada é tão importante para o consumo humano?

Antonio Bandeira.

Trecho da obra *Sem título*, 1966.
Óleo sobre tela, 162 x 291 cm,

Coleção Ronaldo Cesar Coelho, foto: Jaime Acioli





Aqui, onde a cantoria das lavadeiras e corredeiras se misturam, a força das pedras tende a ser mais sorvida do que treme o couro dos surubins. Por isso o rio é alimentado de corpos que sabem nadar e a profundidade dele diz sobre a saúde dos céus, onde sol pode vir a ser abóbora e, no reflexo das águas, Francisca.

davi de jesus
do nascimento

MARGENS

Muitos pescadores e ribeirinhos, em suas histórias, evocam os encantos e assombros que habitam os fundos e margens dos rios do Vale do Paraíba do Sul.

Fala-se das cobras grandes que guardam o fundo do rio, das carrancas que espantam maus espíritos, dos caboclos d'água, das santas que aparecem onde a água brilha de um jeito diferente, das sereias ou mulheres de cabelo comprido que cantam para avisar da água brava.

Esses seres e histórias não são apenas invenções para assustar crianças - são modos de conhecer e respeitar o rio, de escutar seus sinais. São saberes cultivados por lavadeiras que entendem quando a água está "pesada", pescadores que conhecem o lugar exato onde não se deve lançar a rede, barqueiros que cruzam o rio pedindo licença em voz baixa. Quando alguém diz ter visto uma luz azulada riscando a água, à noite, ou ter escutado um chamado abafado vindo do fundo, não se trata apenas de credicice - é a maneira como o mistério se incorpora ao cotidiano e ajuda a manter o cuidado e o limite entre o humano e o rio.



Aqui tem
tanta história
que parece
mentira, mas
são verdadeiras.
Se existe
assombração,
eu já vi, existe
muita coisa.

**Sr. Joaquim Justino
Inácio, cozinheiro e
contador de histórias**



Na obra *Piracema #4*, de Denilson Baniwa, essa relação de respeito e reciprocidade com o rio ganha forma simbólica e poética. Inspirando-se no movimento ancestral dos peixes que nadam contra a corrente para perpetuar a vida, o artista cria um totem que representa entidades-peixe, expressando a ligação espiritual entre o povo Baniwa e as águas. Assim como nas narrativas dos ribeirinhos, em que o rio é um ser dotado de vontade e poder, Baniwa revela que as águas não são apenas recurso, mas morada de saberes e presenças. Sua obra convoca o mesmo gesto de escuta e reverência que sustenta as histórias do Vale do Paraíba: compreender que o rio é um ser que ensina, que exige respeito e que, em sua correnteza, guarda as memórias e os espíritos de um mundo mais amplo do que o humano.

Há quem diga que não se deve olhar muito tempo para o redemoinho, que aquilo é olho de cobra encantada; que não se pode jogar sal na beira do rio sem antes pedir licença; que mulher menstruada não pode entrar na água. Essas regras – às vezes ditas como aviso, outras como oração – revelam o modo como os ribeirinhos constroem uma ética de convivência com o invisível, com o que não se domina, mas se respeita.

Ao se aproximar do rio, muitas pessoas ainda fazem o sinal da cruz. Alguns carregam patuás ou pedaços de fumo no bolso, caso precisem fazer um agrado aos espíritos da água. E, se uma correnteza leva algo embora, não se tenta recuperar à força: diz-se que era do rio. As margens, assim, não são apenas limites entre terra e água – são zonas de passagem nas quais o mundo dos vivos encontra os rastros de outros tempos e presenças. Escutar essas histórias, como as do Sr. Joaquim, é continuar aprendendo com quem sabe que o rio vê, guarda e, às vezes, responde.

VOCÊ SABIA?

A lenda da Cobra Grande é muito conhecida no Vale do Paraíba do Sul e fala de uma enorme serpente que habitava o rio, assustando quem tentasse nadar ou pescar. Dizem que ela só se acalmou quando os moradores jogaram no rio uma estátua de barro, que alguns acreditam ser Nossa Senhora Aparecida. Até hoje, a história vive nas celebrações do grupo Batucaia, em Jacareí, que realiza todos os anos, em agosto, um cortejo com um boneco gigante da cobra pelas ruas da cidade.

PERGUNTAS PARA SALA DE AULA

**O que as histórias sobre os seres encantados nos ensinam sobre o respeito e o cuidado com a natureza?
Qual é a diferença entre “crendice” e “sabedoria popular”?**

DINÂMICA COLETIVA
PARA SALA DE AULA

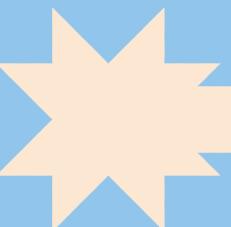
Quem sou eu no rio?

1 Destaque os cartões ao lado com o nome de seres encantados ou personagens que dependem dos rios para viver (lavadeira, barqueiro, sereia, cobra-grande, vento, peixe etc.).

2 Um aluno sorteia um cartão e o coloca na testa, sem ler o que está escrito.

A turma dá pistas, sem dizer diretamente o nome escrito no cartão. Por exemplo: "Você canta quando a correnteza está brava"; "Você reconhece o fundo do rio pelo som".

3 O aluno, então, tenta adivinhar o que está escrito no cartão que está em sua testa. Isso pode ser feito em roda, com todos participando.



4 Para cada personagem descoberto, estimule uma discussão a partir das seguintes perguntas:

- O que esse ser ou personagem nos ensina sobre o rio?
- Como ele se relaciona com a água?
- Ele cuida, depende, protege, avisa ou assusta?
- Que saberes do dia a dia estão escondidos por trás dessas histórias?



* Cobra-grande *



* Carranca *



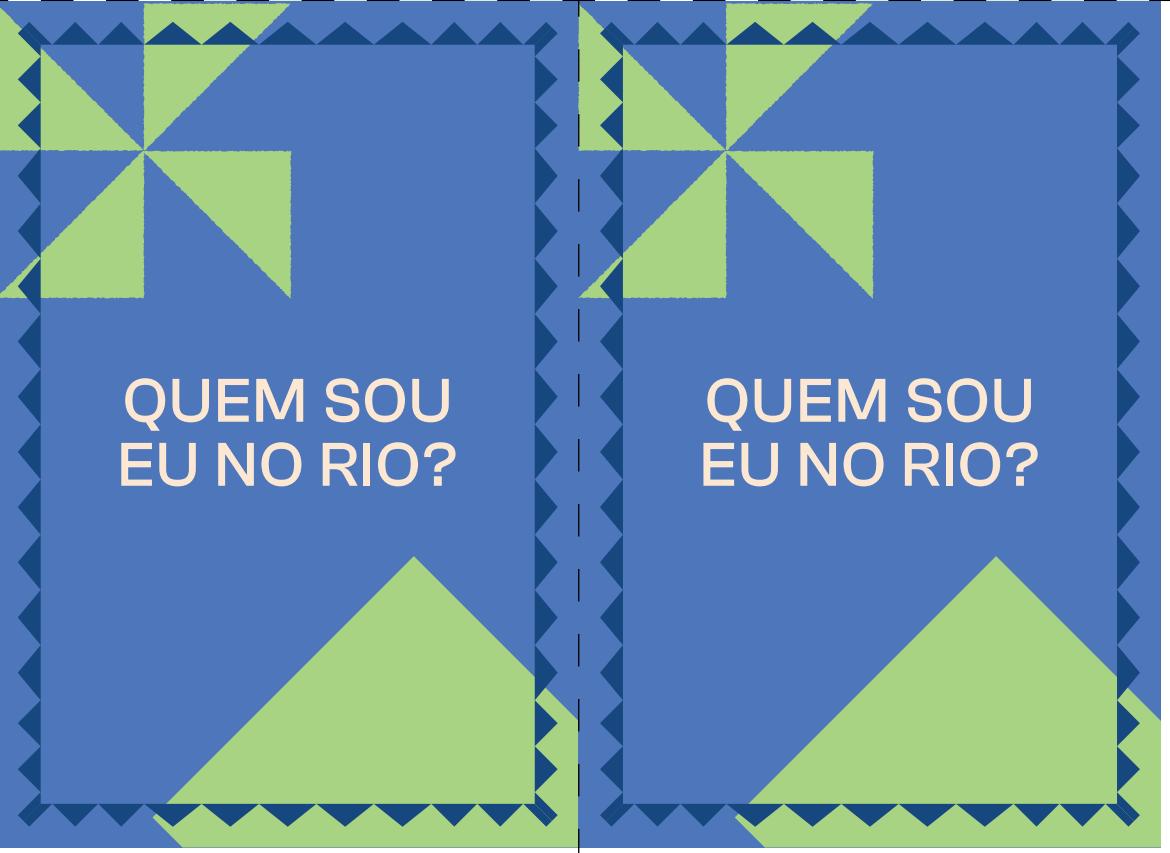
* Peixe *



* Lavadeira *



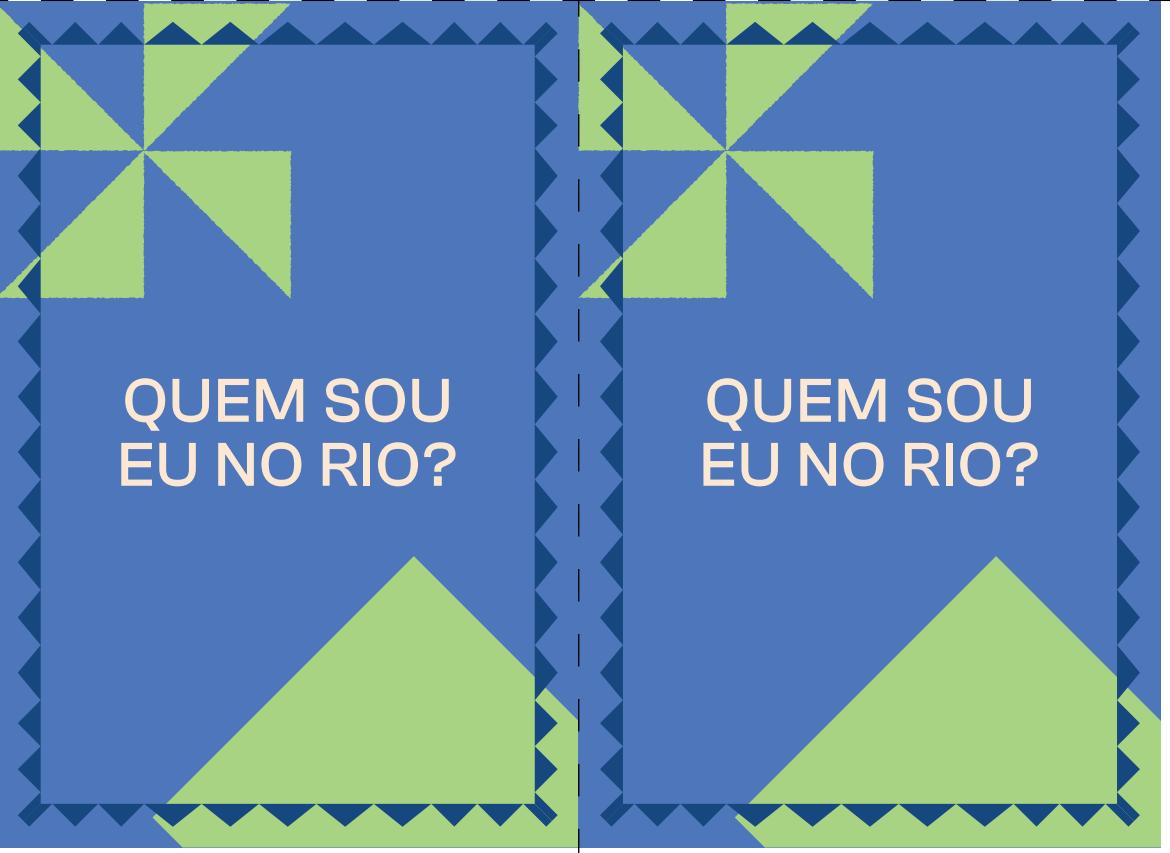
QUEM SOU
EU NO RIO?



QUEM SOU
EU NO RIO?



QUEM SOU
EU NO RIO?



QUEM SOU
EU NO RIO?



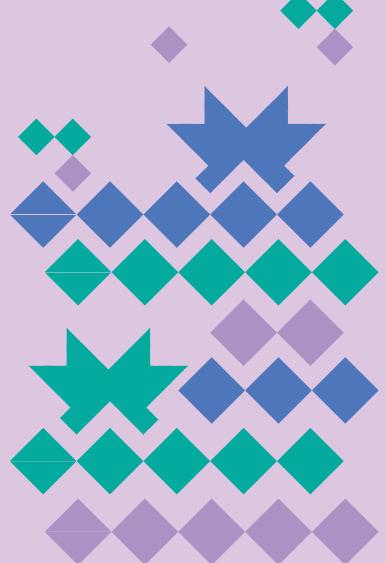
Lara



Barqueiro



Pescador



Água

Kandú Puri.

Cocos de Sapucaia, s.d.
Coleção do artista





Quando debulho
as contas de
meu rosário,
eu falo de mim mesma
em outro nome.
E sonho nas contas
de meu rosário
lugares, pessoas,
vidas que pouco a
pouco descubro reais.

Vou e volto por
entre as contas de
meu rosário,
que são pedras
marcando-me o
corpo-caminho.

Conceição Evaristo,
Poemas de
recordação e
outros movimentos

ALTARES

Em muitas casas do campo e da cidade, encontramos pequenos altares – espaços simples, mas cheios de força, onde se misturam fé, cuidado e memória: um copinho de água ao lado da imagem de Nossa Senhora Aparecida; um galho de arruda fresco num vaso; um terço pendurado com cuidado; a imagem fotografada dos antepassados. Às vezes, o altar está na sala; outras vezes, é o próprio quintal, onde as ervas crescem, onde o fogo é aceso, onde a reza acontece. Esses espaços não são só religiosos: são também lugares onde se preservam saberes antigos, passados de geração em geração.

Assim como os copos d’água, os galhos de arruda e as imagens guardadas com cuidado, a fotografia *Sem título*, de Muxi Kisi Sala, revela que um altar também pode estar inscrito no corpo e na palavra. O gesto de joelhos dobrados diante do gongá – altar comum nos terreiros de religiões de matriz africana –, junto à frase estampada na camisa “Suas maldições são fracas perto das orações da minha mãe”, transforma a cena em imagem-oração, em que fé e memória se entrelaçam. É como se a própria fotografia fosse um relicário de energias, carregando a proteção dos ancestrais, a força das rezas e a coragem de quem atravessa o tempo sustentado pela bênção materna.

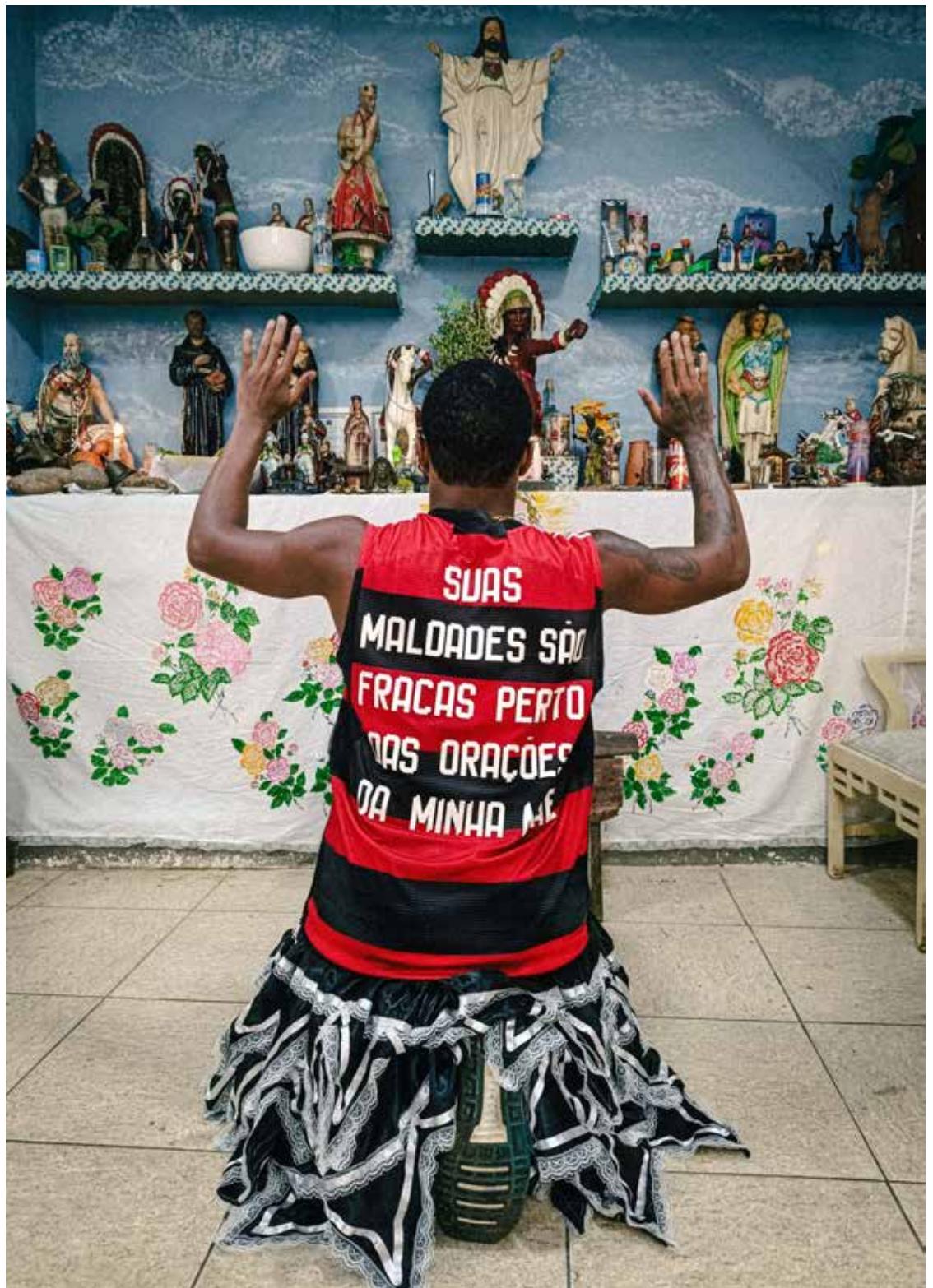
VOCÊ SABIA?

Nossa Senhora Aparecida, conhecida como a padroeira do Brasil, é celebrada em 12 de outubro, feriado nacional. Sua devoção começou em 1717, quando sua imagem foi encontrada por pescadores no rio Paraíba do Sul. Em 1930, foi oficialmente proclamada padroeira pelo Papa Pio XI. Por ter a imagem de cor escura, é chamada de “a santa negra”, sendo símbolo de fé e identificação.

No Vale do Paraíba, essas práticas se entrelaçam com a força das religiões evangélicas, das devocções católicas, das rezas indígenas, do conhecimento sobre plantas e da presença africana. Um exemplo poderoso é a devoção a Nossa Senhora Aparecida, cuja imagem foi encontrada no rio Paraíba do Sul, em 1717, no trecho paulista do rio, por três pescadores. Embora a aparição não tenha ocorrido em Vassouras, a fé em Aparecida atravessou o tempo e se espalhou por toda a região, tornando-se símbolo de esperança e caminho de fé para milhares de pessoas.

As rezas, as ervas e os objetos simbólicos – todas essas práticas de fé e cuidado – têm história. Os saberes de plantas e raízes são heranças do conhecimento indígena da região e caminham junto com outros legados: o trançado de cestos, a produção de mel e cera, o artesanato com barro, a feitura de redes, o cultivo de milho e mandioca. Os Puri seguem transmitindo ensinamentos sobre como utilizar a semente da sapucaia como cuia, urna funerária ou para armazenar plantas e remédios, como vemos na obra de Kandú Puri.

No projeto Vozes do Vale, Kandú Puri resume a sabedoria do seu povo em relação à natureza e à vivência na cidade:



Muxi Kisi Sala. Sem título, 2024.
Fotografia, 70 x 90cm, coleção da artista



Nós somos um povo originário dos quatro estados do Sudeste, da bacia do Rio Paraíba do Sul e seus afluentes, nós vivemos na região onde hoje estão as maiores metrópoles do Brasil, esse lugar foi palco da nossa resistência atravessado por todos esses caminhos.”.

**Kandú Puri,
artista e rapper**

Esses conhecimentos formam uma verdadeira tecnologia ancestral: um conjunto de práticas que cuidam da nossa forma de nos relacionar com a natureza. Ao celebrarmos os altares, as plantas, as cerâmicas, as sementes, estamos também celebrando essas formas de saber e de resistência. São práticas silenciosas, mas persistentes, que mantêm vivos os vínculos com a natureza e com quem veio antes de nós. São maneiras de proteger a vida diante das dificuldades e de manter o território habitável, com respeito e afeto.

**PERGUNTAS PARA
SALA DE AULA**

O que um altar pode revelar sobre a história e a memória de uma família?

Por que objetos simples, como um copo de água ou um galho de arruda, podem carregar tanto significado?

Vocês têm em casa algum espaço, objeto ou gesto que cumpre um papel parecido com o de um altar?

Memórias da mata

Reconectar-se com a natureza é reconhecer sua dimensão sagrada: cada árvore, cada rio e/ou cada pedra guardam memórias e forças que sustentam a vida. Ao pensar a floresta como altar, assim como fazem os povos indígenas, percebemos que preservá-la é também preservar histórias, saberes e vínculos que nos mantêm em equilíbrio com o mundo.

- 1 Em grupo, os alunos devem mapear lugares da comunidade onde a natureza ainda se faz presente. Pode ser uma mata, um jardim, um rio etc.

Em uma cartolina, crie, junto com os alunos, um grande mapa afetivo da região, com legendas, fotos desses espaços e elementos naturais, como pedras, folhas e sementes.

- 2 Se quiserem, os alunos podem entrevistar algumas pessoas relacionadas a esses espaços, principalmente aquelas ligadas diretamente à existência deles, como guardiões e guardiãs.

- 3 Por fim, discutam o que foi mapeado:

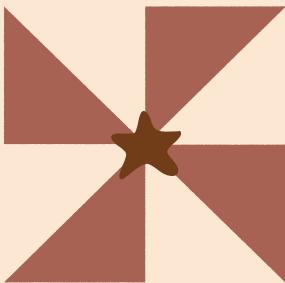
Você já conhecia algum dos espaços que apareceram no mapa? Qual é a sua relação com eles? O que os guardiões e guardiãs desses lugares nos ensinam sobre formas de cuidar do corpo, da alma e da natureza? Você acha que esses saberes são valorizados hoje? Por quem? Em que espaços? Se esses saberes sumissem, o que a comunidade perderia?



Moara Tupinambá.
Trecho da obra *Reunião de Sacacas*, 2025.
Óleo sobre tela, 40 x 60 cm,
coleção da artista



DESPEDIDA



**Adeus
cangoma,
adeus**

**Adeus que eu
já vou embora
Eu vou, meu
cangoma fica
Aqui e até
outra hora.**

**Ponto de
despedida de
Mãe Zeferina,
liderança
do Quilombo
São José**

de participação e diálogo, onde toda visita pode ser uma roda, toda oficina pode ser uma festa, toda atividade pode ser um encontro. Nesse sentido, toda experiência trazida também se torna parte do acervo vivo que o museu cultiva.

Por isso, deixamos algumas perguntas no ar: Que histórias ainda precisam ser contadas? Que saberes da sua família, do seu bairro ou da sua escola podem se tornar parte do museu? Como transformar as experiências vividas aqui em novas práticas coletivas?

O Museu Vassouras está de portas abertas – nas exposições, nas ações educativas, nos programas corridos ao longo do ano – para quem quiser estar, participar, viver e fazer junto. O convite está lançado: vamos continuar escrevendo essa história a muitas mãos, vozes e saberes.

Chegar ao fim dessas caminhadas pelo Museu Vassouras é reconhecer que cada passo dado nesse percurso foi guiado por vozes e memórias que continuam vivas no território. O que vimos não está apenas nas paredes, nos objetos ou nas imagens expostas dentro do prédio, mas, sobretudo, nas práticas, nos cantos, nas festas, nos quintais e nos corpos que sustentam e renovam a cultura do Vale do Café. O museu, assim, não é um ponto de chegada: é um espaço de travessia onde passado, presente e futuro se encontram e se transformam mutuamente.

Do mesmo modo que pedimos licença para entrar, também pedimos licença para continuar nossa caminhada: um convite para seguirmos juntas e juntos nessa construção coletiva. O Museu Vassouras está aberto como lugar

PARA SABER MAIS

PODCAST

CALUNGUINHA. Episódio sobre Manoel Congo. Spotify, 2025. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1oBrS31vGnTFkQ0clfmk5O?si=6Zs27SnlReSGsTS0FC0Px A>

PROJETO QUERINO. Episódio 2 - O pecado original: O episódio examina como a escravidão, e em particular o tráfico ilegal de africanos, foi não apenas um aspecto marginal da história do Brasil, mas um dos alicerces econômicos, políticos e sociais da formação do país. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5Fc8p9KfZFyhuTzhKVi7jf>

SITE / LINKS

JOGO DA MEMÓRIA MÁSCARAS AFRICANAS. Disponível em: <https://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/game/memoria-mascaras-africanas/game/>

ACERVO UFF PETROBRÁS CULTURAL MEMÓRIA E MÚSICA NEGRA..
Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/acervo/jongos> e http://www.labhoi.uff.br/passadospresentes/filmes_jongos.php

Somos Sóis Vivos | Aza Njeri. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pQsGc6Qqak0>

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS – CONAQ. IFÁ. Seu Oráculo de Sabedoria e Pesquisa. Disponível em: <https://ifa.conaq.org.br/>.

LIVROS E ARTIGOS

ABREU, Martha. Cultura Imaterial e Patrimônio Histórico Nacional In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel e GONTIJO, Rebeca. *Cultura Política e Leituras do Passado: historiografia e ensino de história*. Editora Civilização Brasileira, 2007.

ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (orgs.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Jongo: registro de uma história. In: LARA, Sílvia H.; PACHECO, Gustavo (orgs.). *Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley Stein*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.

ALMEIDA, Mariléa de. *Devir quilomba: Antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas*. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASIL MESTIÇO. *Jongo do Quilombo São José*. [S.I.]: Associação Brasil Mestiço, 2004.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2018.

BRASIL. Decreto n° 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 7 ago. 2000.

BRASIL. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Jongo: patrimônio imaterial brasileiro*. Brasília: IPHAN, 2006. Disponível em: https://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Jongo_patrimonio_imaterial_brasileiro.pdf

BRASIL. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Jongo no Sudeste*. Brasília: IPHAN, [s.d.]. Disponível em: <https://bcr.iphan.gov.br/bens-culturais/jongo-no-sudeste/>

CASTRO, Felipe; MARQUESINI, Janaína; COSTA, Luana; MUNHOZ, Raquel. *Quelé, a voz da cor: biografia de Clementina de Jesus*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAVALCANTI, Irenilda; FERNANDES, Neusa; MARTINS, Roselene (orgs.). *Dicionário histórico do Vale do Paraíba Fluminense*. Vassouras: Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras, 2016.

CHAVES, Wagner. *Na jornada de Santos Reis: uma etnografia da folia do mestre Tachico*. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2013.

DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FRIAS, Lena et al. *Rainha Quelé: Clementina de Jesus*. Valença: Editora Valença, 2001. 88 p. (Publicado em comemoração ao centenário de nascimento da cantora, 1901-2001).

GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Luciana. *Jongo do Vale do Café: dois quilombos fluminenses registram 32 pontos centenários em novo álbum*. Mídia NINJA, 11 out. 2023. Disponível em: <https://midianinja.org/jongo-do-vale-do-cafe-dois-quilombos-fluminenses-registraram-32-pontos-centenarios-em-novo-album/>

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. *Festas populares no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2024.

GUIMARÃES, Ruth. *Contos índios*. São Paulo: Cultrix, 1975.

LARA, Silvia Hunold; PACHECO, Gustavo (orgs.). *Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein – Vassouras, 1949*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2007.

LOPES, Nei. *Dicionário Banto do Brasil: vocábulos de origem africana e uso popular*. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

LOPES, Nei. *Dicionário escolar afro-brasileiro*. São Paulo: Selo Negro, 2006.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

MÃE BEATA DE YEMANJÁ. *Pedagogia do axé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

MATTOS, Hebe. Memórias do cativeiro: narrativa e identidade negra no antigo sudeste cafeeiro. In: Rios, A. L. e Mattos, H. *Memórias do Cativeiro. Família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MUNANGA, Kabengele. *Redisputando a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MUSEU VASSOURAS. *Dossiê de criação do Museu Vila de Vassouras*. Vassouras: Instituto Vassouras Cultural, 2024.

MUSEU VASSOURAS. *Vozes do Vale: pesquisa e escuta de moradores do Vale do Café*. Vassouras: Instituto Vassouras Cultural, 2024.

OLIVEIRA, Luana S. Entre o silêncio e o reconhecimento oficial: como se escreve (ou se escreveu) a história do jongo/caxambu em Barra do Piraí. In: ABREU, Martha; XAVIER, Giovana; MONTEIRO, Elaine; BRASIL, Eric (orgs.). *Cultura negra*. Vol. 1: festas, carnavales e patrimônios negros. Niterói: Eduff, 2018.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. *A descoberta do samba*. Belo Horizonte: Mazza, 2019.

PONTÃO DO JONGO E CAXAMBU. *Pelos caminhos do jongo e do caxambu*. Niterói: UFF, [s.d.]. Disponível em: http://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/pelos_caminhos_do_jongo.pdf

SALLES, Ricardo. *E o vale era escravo: Vassouras, século XIX – senhores e escravos no coração do Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SANT'ANA LEMOS, Marcelo. *O índio virou pó do café*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2020.

SPIRITO SANTO, Jorjão do. *Do samba ao funk do Jorjão*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2003.

STEIN, Stanley J. *Vassouras: um município brasileiro do café, 1850–1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

TAUNAY, Affonso de E. *História do café no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1939.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. *VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL*. Disponível em: <https://reaju.wordpress.com/wp-content/TRuploads/2018/07/valores-civilizatc3b3rios-afrobrasileiros-na-educac3a7c3a3o-infantil-azoilda-trindade.pdf>

TRINDADE, Azoilda Loretto da. *Educação-Diversidade-Igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/09/46.pdf>

VASSOURAS (RJ). *História do município de Vassouras*. Disponível em: <https://www.vassouras.rj.gov.br/historia>.

FILMES

A VOZ LITERÁRIA. *Editora dos povos originários. Entrevista com Aline Rochedo Pachamama*. [vídeo]. YouTube, 14 jul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K36I8y1w1Ok>

JONGOS, CALANGOS E FOLIAS: música negra, memória e poesia. Direção geral: Hebe Mattos; Martha Abreu. Rio de Janeiro: UFF, LABHOI, 2008. 1 DVD (45 min), legendado em português. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-OOouM3F0SU>

PASSADOS PRESENTES: memória negra no sul fluminense. Direção geral: Hebe Mattos; Martha Abreu. Rio de Janeiro: UFF, LABHOI, 2011. 1 DVD (43 min), legendado em português. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-D629WbeRVU>

MEMÓRIAS DO CATIVEIRO. Direção geral: Hebe Mattos; Martha Abreu. Rio de Janeiro: UFF, LABHOI, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jEw4k8Wpofw>

FAUSTINI, Marcus Vinícius; BRAZ, Cristiane. Documentário: Carnaval, Bexiga, Funk e Sombrinha. Rio de Janeiro: KL Produções, 2006. Duração aproximada 63 min. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=RLmJwbIZNzc>. Acesso em: 22 out. 2025.

PADLET - CHEGANÇA PARA PROFESSORES

<https://padlet.com/jacacenter/chegan-a-para-professores-zeodvx4r16jp9x5z>



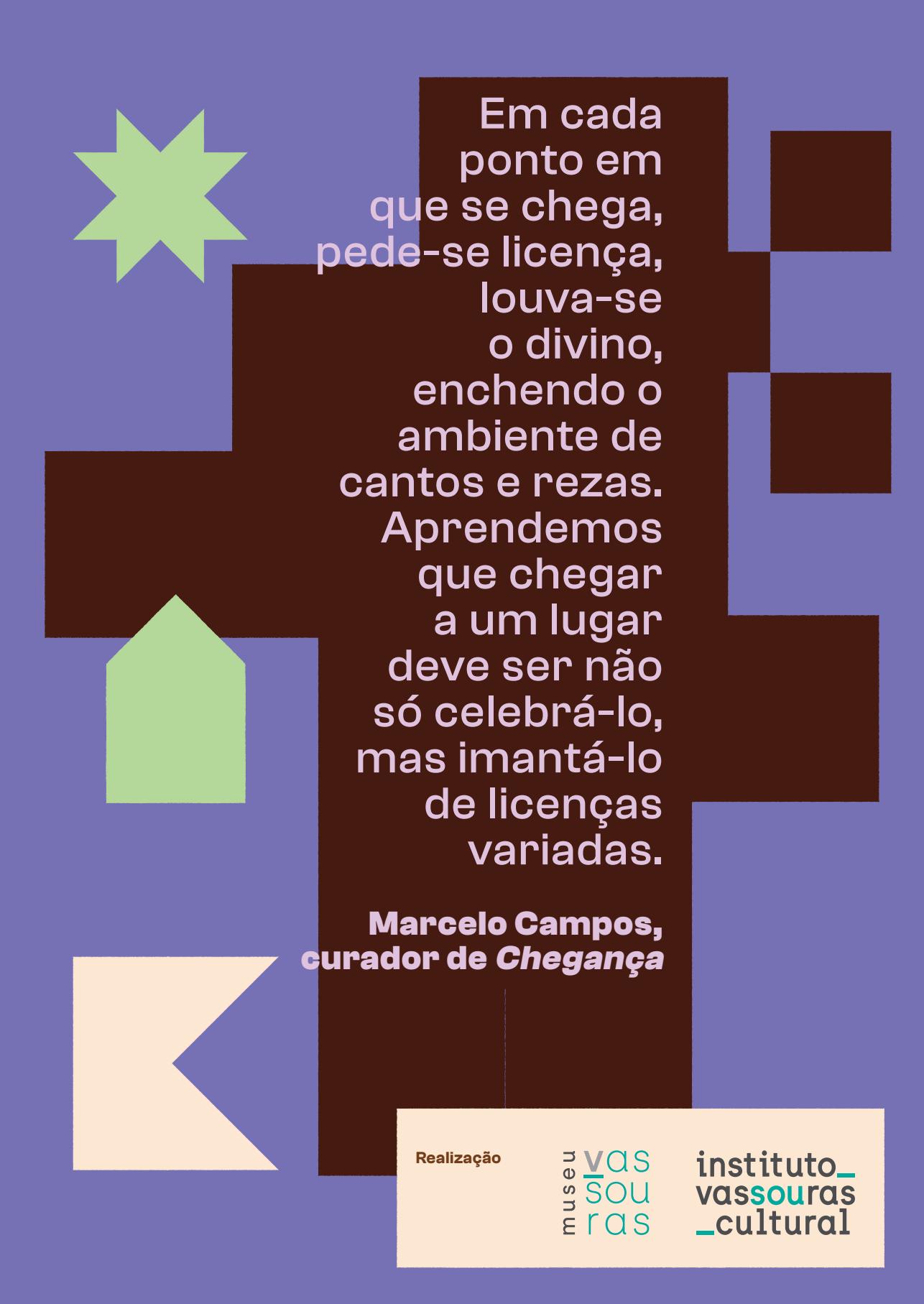
Aponte a câmera do seu celular para o código QR para acessar os links de referência

TABELA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Com o intuito de possibilitar rápidas conexões com o dia a dia da escola, indicamos uma seleção de habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para cada eixo temático apresentado.

Eixo / Atividade do material	Temas	Componentes BNCC	Componentes BNCC FUND I	Componentes BNCC FUND II	Componentes BNCC MÉDIO
Folias - Samba	Patrimônio cultural afro-brasileiro, música, identidade	Patrimônio cultural afro-brasileiro, música, identidade	GEO- EF04GE01 ARTE-EF15AR01, PORT- EF35LP24	HIST - EF09HI07 ARTE - EF69AR06	LÍNGUA PORTUGUESA EM13LGG601 CHS- EM13CHS601
Folias - Folia de Reis	Cultura popular, religiosidade, memória coletiva	Cultura popular, religiosidade, memória coletiva	ARTE -EF15AR04, HIST-EF05HI07	ARTE-EF69AR06	CHS-EM13CHS104
Folias - Corpos	Corpo e memória, ancestralidade, resistência	Corpo e memória, ancestralidade, resistência	ARTE-EF15AR01	HIST-EF09HI06 EDU FI-EF67EF04	LÍNGUA PORTUGUESA EM13LGG601
Vapor - Trilhos	Modernização, deslocamentos, cultura popular	Modernização, deslocamentos, cultura popular	ARTE-EF15AR25 HIST- EF04HI06)	HIST-EF09HI01 HIST-EF09HI06 GEO-EF08GE02	CHS-EM13CHS104
Vapor - Quintais	Saberes tradicionais, plantas medicinais, memória familiar	Saberes tradicionais, plantas medicinais, memória familiar	ARTE-EF15AR01 CIE-EF02CI05 HIST- EF05HI05	CIE-EF07CI04	CIÊNCIAS DA NATUREZA EM13CNT102 (EM13CHS302)
Vapor - Jongo	Patrimônio imaterial, ancestralidade, música	Patrimônio imaterial, ancestralidade, música	ARTE-EF15AR25 LÍNGUA PORTUGUESA EF15LP15 HIST -EF05HI10	HIST-EF09HI06 ARTE- EF69AR06	LÍNGUA PORTUGUESA EM13LGG601
Vapor - Fumaça	Povos indígenas, comunicação simbólica, espiritualidade	Povos indígenas, comunicação simbólica, espiritualidade	ARTE-EF15AR01 HIST- EF05HI07	HIST-EF09HI06, PORT-EF67LP28	CIÊNCIAS DA NATUREZA EM13CNT102 CHS- EM13CHS601
Milagre - Águas	Povos indígenas, rios como seres vivos, território	Povos indígenas, rios como seres vivos, território	CIÊN-EF02CI05	CIÊNEF07CI04, GEO-EF08GE02	CIÊN EM13CNT102, CHS-EM13CHS104
Milagre - Margens	Paisagem, território, religiosidade popular	Paisagem, território, religiosidade popular	HIS- EF05HI07	GEO -EF08GE02	CHS-EM13CHS104
Milagre - Altares	Religiosidade, patrimônio imaterial	Religiosidade, patrimônio imaterial	HIST -EF05HI10 HIST-EF05HI07, ARTE-EF15AR01,	ARTE- EF69AR34	LÍNGUA PORTUGUESA EM13LGG601

EQUIPE MUSEU VASSOURAS	Recepção Adriane Batista de Assis Soares da Silva Júnio Mendes Nepomuceno	Assistência de curadoria Natasha Felix	Topografia Servitup - Hugo Servian	Projeto elevadores OTIS	Sonorização e Projeção Linha D Montagem I XXXXXXXXX, XXXXXXXXX, XXXXXXX
Fundadores Ronaldo Cezar Coelho Guilherme Cezar Coelho		Identidade visual e Design PVDI	Fundações ABS - Apolonio Bechara Santos	EQUIPE CHEGANÇA	PUBLICAÇÃO CHEGANÇA: PEDIR LICENÇA
Direção Administrativa Rodrigo Cândido	Operacional e Administrativo Financeiro Vivian Cabral Ana Paula Andrade Jonathan da Silva Pereira	Consultores Armando Strozenberg Eduardo Schnoor Nilton Bonder Renato Lemos	Cálculo Estrutural Cerne Engenharia - Geraldo Fillizola e Mayara Amorim	Curadoria Marcelo Campos	Pesquisa Catarina Duncan, Felipe Carnevalli, Francisca Caporali, Samantha Moreira, Paula Lobato
Direção de Comunicação e Relações Institucionais Daniela Pinheiro	Assistentes de Manutenção Wellington Lúcio de Holanda Wellington Salles Faiad	EQUIPE ARQUITETURA	Projeto de Impermeabilização Cetimper	Assistência de Curadoria Thayná Trindade	Edição e coordenação editorial Catarina Duncan, Felipe Carnevalli, Francisca Caporali, Samantha Moreira, Paula Lobato
Direção artística Catarina Duncan	INSTITUTO VASSOURAS CULTURAL	Arquitetura, revitalização e restauro Mauricio Prochnik	Acústica Traço Verde - Moyses Zyndeluc	Projeto Expográfico Gisele de Paula Arquitetura & Cenografia Alexandra Souza, Iolaos Coelho, Anna Carolina Madureira	Design gráfico Cosmopolíticas editoriais Felipe Carnevalli, Paula Lobato, Bianca Perdigão (a partir da identidade produzida por BiaBum)
Coordenação executiva Rosa Melo	Presidente Ronaldo Cezar Coelho	Coordenador geral Mozart Vitor Serra	Conforto Ambiental Geros Arquitetura - Nelson Solano Vianna	Identidade Visual BiaBum Beatriz Tati Nóbrega, Stella Nardelli, Gabriela Prestes, Carolina Incerti, Laura Pletsch, Amanda Franco	Ilustrações Bianca Perdigão
Implementação pedagógica JA.CA Samantha Moreira e Francisca Caporali	Vice-presidente Guilherme Cezar Coelho	Gerenciamento Danny Shpielman	Projeto de Instalações EGC - Eujan Gomes Carneiro	Trilha sonora Alê Siqueira	Revisão N30 Pesquisa Nataraj Trinta
Coordenação educativa Luana Oliveira	Realização Concrejato	Paisagismo Marcos Sá	Consultoria em refrigeração Mauricio Barros	Pesquisa Rosalina Gouveia Sara Ramos	Tradução Sara Ramos
Assistente pedagógico Dudu Soares	Secretário Rodrigo Cândido	Iluminação LD Studio - Monica Lobo	Projeto refrigeração Flowterm Eloar	Revisão Rachel Murta - Trem Textos	Consultoria Habilidades BNCC Wesley Clayton Oliveira
Assistente curatorial Alexandre Pina	Conselho Luiz Paulo Amorim Monique Chagas Marcos Nogueira	Ambientação arquitetônica Superdimensão - Gabriela de Matos	Projeto combate a incêndio GEDRAW	Montagem KBedim Montagem e Produção Cultural I XXXXXXXXX, XXXXXXXXX, XXXXXXX	Impressão Formato
Equipe de Comunicação Ana Luisa Diogo Thamires Torres Luisa Avelino	EQUIPE IMPLEMENTAÇÃO	Realização ambientação Accioly Engenharia	Projeto de segurança Instec	ISBN XXXX	
Equipe de Produção Dora Motta Caterina Pilotto Michele Ludvichak	Implementação operacional Marcos Nogueira	Equipe Obra Paisagismo Memorial Judaico Escritório Burle Marx - Julio Ono	Projeto de acessibilidade Belvedere cons.		
Equipe de Educação Jacqueline Fiúza Samuel Romano Edilaine Brum Estagiária	Implementação pedagógica JA.CA Samantha Moreira e Francisca Caporali	Arqueologia IAB - Ondemar Ferreira Dias Junior GRIFO - Giovani Scaramella	Projeto de reaproveitamento de água COSH		
			Projeto esquadrias metálicas QMD		
			Projeto de projeção NOISE		



Em cada ponto em que se chega, pede-se licença, louva-se o divino, enchendo o ambiente de cantos e rezas.

Aprendemos que chegar a um lugar deve ser não só celebrá-lo, mas imantá-lo de licenças variadas.

**Marcelo Campos,
curador de *Chegança***

Realização

museu
VAS
SOU
RAS

instituto_
VASSOURAS
cultural